



Teologia, colonialismo e ciência e tecnologia/ensino na proto-ficção-científica portuguesa (com ou sem política)

André Monteiro

Alumnus Minho University, vitorazrael@yahoo.com

Follow this and additional works at: <https://scholarcommons.usf.edu/alambique>

Recommended Citation

Monteiro, André (2016) "Teologia, colonialismo e ciência e tecnologia/ensino na proto-ficção-científica portuguesa (com ou sem política)," *Alambique: Revista académica de ciencia ficción y fantasía / Jornal académico de ficção científica e fantasia*: Vol. 4 : Iss. 1 , Article 7.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5038/2167-6577.4.1.7>

Available at: <https://scholarcommons.usf.edu/alambique/vol4/iss1/7>

Este texto não deseja fazer a história da ficção científica portuguesa, nem sequer daquela literatura que parece ser ficção científica (fc) antes desta existir enquanto tal e com tal nome (que tende a ser chamada de "proto-ficção-científica") em Portugal, apesar do texto ir listar a fundo todos os textos que poderão ser chamados de "proto-fc" em Portugal. A intenção aqui, é de estudar as influências na criação destas obras numa altura em que o género não havia ainda sido concebido enquanto tal. Como ainda não havia nenhum ideal ou *corpus* de um dado género "fc" que inspirasse autores a escrever obras logo com o objectivo de fazer obras desse género, a criação das obras que hoje consideramos precursoras das tendências da fc foram causadas por outros modelos e intenções que não as do género fc actual.

Depois de termos feito a listagem das obras que poderemos juntar num *corpus* da "proto-fc" portuguesa² e de analisarmos as mesmas, construímos a seguinte teoria: de que a "proto-fc portuguesa" tem a especificidade de ter tido as suas obras criadas sob três égides às quais as filosofias dos autores (mesmo quando eles são anónimos e "populares", como veremos nalguns casos) se submetiam, mesmos se inconscientemente, sendo que essas égides que tendiam a influenciar uma obra ou outra, mas raramente convergiam na mesma. Elas são:

1. A égide da teologia, de tipo religioso ou de espiritualidade diversa não de religião organizada. Muitas das primeiras obras passíveis de serem comparáveis com a fc são literatura mítica, religiosa, de poesia épica ou de tratados religiosos, da altura em que a ciência como hoje entendida não existia, pelo menos completamente separada da religiosidade ou do misticismo. Eventos que surgiriam na fc futuro, como encontros com seres fora do nosso planeta, encontros com monstros animais, engenhos incríveis, atraso ou suspensão da morte e etc. se encontram, com implicações religiosas;

2. A égide do colonialismo, não só porque Portugal, na Era das Descobertas, encontrou civilizações estranhas à sua, que forneceram modelos para a noção de um "Outro" já descoberto por exploração ou ainda a descobrir, e que podiam ser aplicado a seres de outros planetas e à descoberta espacial³. Mas também porque, não só os mitos dos Descobrimientos sobre terras misteriosas estavam cheios de seres e locais estranhos que precedem algumas futuras variantes de fc, como também as culturas dos locais visitados inspiraram elas próprias futura literatura proto-fc e fc em Portugal;

3. A égide das teorias sobre ciência, uso da tecnologia e ensino (teorias principalmente sobre o impacto destas na sociedade e sobre a relação destas com a teologia), que influenciavam autores laicos e religiosos que tentavam promover as suas ideologias socio-educativas através da literatura.

Parece aqui faltar, curiosamente, uma égide que influenciou muita "proto-fc" a nível mundial: a ideologia política. Esta foi o que guiou a escrita de muita fc inicial e "proto-fc", que era meramente promoção dos pontos de vista do autor do texto sobre organização política. Mas tendo sido feita por mim uma análise da "proto-fc" em Portugal, parece-me que Portugal tem muitas mais obras dentro da literatura proto-fc influenciadas por religião ou teologia mítica, colonialismo e ideologias socio-educativas (não ideologias políticas). Até que ponto ciência/cultura e religião competiram no influenciar de escrita de proto-fc portuguesa, e o que influenciou flutuações nas influências destas? Por sua vez, a presença da égide colonial

está ao nível do que se espera para uma antiga potência colonial como Portugal? E será que haverá alguma influência de ideologias políticas dos autores nalgumas obras? E que razão haverá para a sobreposição dos restantes elementos? Essa questão terá de ficar para o fim deste texto, depois de devidamente listado e analisado o número das obras deste género e as questões que possam haver relativas as três égides principais.

1. Definição de proto-ficção-científica

Comecemos por definir "proto-fc". A raiz do prefixo da expressão é do latim e significa "primeira" ou "à porta de", o que indica algo que não é *per se* a coisa nomeada depois do prefixo "proto-", mas é precursora do que vem depois do prefixo. Portanto terá de ser a precursora da fc antes dela existir. Mas para saber onde está "a porta", temos de saber onde está o começo da fc que está já dentro da "casa" detrás da dita "porta". A definição concreta deste género, literária ou audiovisualmente, é sempre controversa, sendo a fc um género diverso, com a sua definição exacta a ser um tópico de discussão entre literatos e fãs. Obviamente que esta indefinição influencia debates sobre o que constitui a sua história e obras exactos do seu *corpus*, em Portugal e em qualquer outro país. Para começar, é discutível até que ponto se pode distinguir proto-fc de mero fantástico que tenha inspirado fc futura? O fantástico caberá de todo dentro da proto-fc (tal como cabe dentro da fc actual em variantes como a *science fantasy*)? Parece certo que a fc mais "soft" é frequentemente escrita com conhecimentos mais básicos de ciência e por vezes leituras mais básicas do género por vezes muito mais antigas que a época do autor (principalmente no género da "viagem fantástica"), pelo que algum *overlap* com fantástico clássico não é de desprezar, embora a inclusão desse género dentro da fc ou proto-fc deva ser cuidadosa (SFE, "proto SF").

As noções de fc moderna como definida nos séculos XIX e XX ajudarão a definir obras precursoras do género desses séculos:

1. No século XIX, o "romance científico" era definido como "romances imaginativos" de temática mais científica, com uma visão da sociedade e do mundo como coisas que evoluíam ao longo de muito tempo, presença de grandes paisagens e arredores em torno dos quais protagonistas meditam contemplativamente, falta de grande sentimento de fronteiras (com outros mundos) e portanto de heróis que as atravessam, presença de narrativas de cientistas loucos ou "bons" que criam super-armas para forçar o mundo a acabar com as guerras, e presença de um pessimismo mais ou menos moderado (SFE, "Scientific romance");

2. No princípio do século XX, a fc (ou *scientifiction*) torna-se algo mais optimista que o "romance científico", um (segundo Gernsback) romance encantador («numa forma muito palatável») mesclado com facto científico e «visão profética» que no melhor (e mais *hard*) do género inspirará progresso e conhecimento científico futuro (SFE, "Definitions of SF");

3. Na segunda metade do séc. XX a fc está em geral em linha as definições anteriores mas torna-se mais "tolerante" para com pessimismo, conhecimento científico mais "soft" (implicando isto mais foco em simbolismo, sátira e experimentação literária e abertura a fusões com fantasia).

Assim, como vemos, temos abordagens heterogêneas mas bastante similares na fc moderna, mas as nuances permitem identificar diferentes tipos de obras como fc, mais próximas do “romance científico” oitocentista ou da fc do século XX inicial ou tardio. Quanto mais focado em ciência (ou algo que hoje consideramos ciência embora na altura pudesse ser “magia”), mais fácil é reivindicar como proto-fc, mas usando definições de algum romance científico ou fc o fim do séc. XX podemos incluir na proto-fc algumas obras mais alegóricas, “raçadas” de fantástico e/ou promotoras de visões sociais. Assim, o género literário pré-contemporâneo da utopia, apesar de nem sempre ter muita ciência presente, é um dos “suspeitos do costume” para inclusão numa proto-fc, com as suas explanações de sociedade ideais, progressistas, frequentemente sociedades essas que são distantes e de alguma forma “alienígenas” visitadas por um protagonista. Alguns outros tipos de literatura serão menos claros quanto à sua inclusão ou não dentro da proto-fc.

Em termos gerais, há duas correntes de opinião: a que vê uma história do género desde as primeiras obras pré-modernas em que quaisquer elementos ou enredos que sejam comparáveis aos da ficção científica moderna surjam, e outra que é mais restritiva a uma ficção mais moderna e associada à “revolução científica” moderna e a uma cultura de desenvolvimento e estudo na astronomia, física e matemática, alargada entre a intelectualidade (portanto não podendo recuar antes do século XVII ou pelo menos XVI). Se tomarmos se formos demasiado puristas da definição do género e levarmos a discussão sobre fc e "proto-fc" longe demais, até poderemos contestar que "proto-fc" exista sequer (ou algo é fc, ou não é, não havendo “precursores” ou obras “mais ou menos” fc).

É certo que H. G. Wells na passagem para o século XX usava, mas só ocasionalmente, o termo "*science fiction*" (com o sentido do subgénero de fc actualmente chamado *hard science fiction*)⁴, mas que o verdadeiro popularizador do termo foi o editor e autor do género Luxemburgo-Americano Hugo Gernsback nos anos de 1920 (ele porém preferia o estranho "*scientifiction*", em Português algo como "cientificção" (Barreiros 1303-1304). Mas Gernsback considerava que a sua pessoa simplesmente nomeara algo já existente: ele considerava que Edgar Allan Poe, Júlio Verne e Wells tinham sido autores "cientificcionais" (SFE, “Definitions of SF”), opinião que ganha cadência visto que antes de esta literatura ser chamada fc já havia o termo "romance científico" ("*scientific romance*")⁵, e antes disso já se falava de "romances de antecipação", termo alternativo que continuou popular em muitos países, bem pelo século XX adentro (embora por vezes usado para obras que não de fc como hoje entendida).

Assim quem desejar tomar posição de existência da proto-fc, pode pôr a origem da fc moderna com o "romance de antecipação", pelo que Verne não será o primeiro autor do género, e quem o quiser pode escolher o "romance científico" como a primeira fc propriamente dita (mesmo antes do termo surgir), ou até ser “purista” e antepôr a raiz após o nomear do género por Gernsback ou Wells (o que tiraria Poe, Verne e, discutivelmente, Wells de dentro do género). Decidi, apesar da polémica de qualquer classificação (visto que alguma definição é precisa para este artigo fazer sentido sequer existir), tomar a posição de que a “antecipação” ou literatura anterior são a "proto-fc", com o "romance científico" de Verne e Wells sendo ele sim a raiz do género fc, estando mais próxima dele como hoje entendido, e apresentando mais da maioria dos elementos e variedades básicas da mesma.

Há um número de textos antigos e modernos-iniciais, incluindo muita epopeia e poemas que contêm elementos fantásticos ou "ficcional-científicos", porém foram escritos antes do emergir da ficção científica como género, ou mesmo antes de muita ciência moderna sobre as áreas tocadas nessas ficções. Estes textos frequentemente incluem elementos como viagens para além da terra ou o uso de tecnologias fora do corrente no tempo do texto, que tendem a ser influenciados por religiosidade, moderna ou ainda em fase de "mentalidade mítica" (como muitos antropólogos lhe chamariam). Além disso, devemos recordar que a noção de real/irreal e de ciência e superstição era muito mais vaga e "solta" para os nossos antepassados do que para nós hoje. Este é por exemplo o ponto de partida do artigo de António de Macedo, realizador e escritor ficcional de fantasia e fc Português, além de estudioso do esoterismo e desses géneros literários, que faz história breve do "fantástico" (i.e. a noção latina de "fantasia e ficção científica") português: apontando a diferença de visão quanto ao que é realista para "antigos" e "modernos", e por isso o vago da definição da "pré-história" destes géneros. Dadas todas estas limitações, desculpo algumas "reivindicações" para a proto-fc que possam ser incorrectamente identificadas como tal (até ao ponto em que a proto-fc exista de todo), até porque a maioria delas são pela primeira "reivindicadas" textualmente como tal neste texto (embora não sem seguir as definições de fc e proto-fc e exemplos doutras obras similares no estrangeiro pelas mesmas razão ditas proto-fc, para inspiração dessas "reivindicações").

Por fim temos uma questão cronológica para definir a proto-fc (estando definido que ele existe, discutivelmente, sendo pelo menos útil o conceito, intelectualmente): onde exactamente acaba a proto-fc e começa a fc enquanto género claro e já não algum precursor, e como se aplica isto para a proto-fc em Portugal? Bem, como definido, o mais correcto talvez seja considerar que até, pelo menos, surgir o termo e conceito de "romance científico" (1861) não havia fc claramente definida enquanto género com x características. Mas obviamente, em cada país o desenvolvimento da fc deu-se ao nível deste: a França será pioneira com Verne e imitadores e contemporâneos similares, o Reino Unido ajudará a nomear o género (quer em 1861, quer com Wells no início do século passado, para o nome *science fiction* actual) mas a maioria da criação efectivas de obras por Britânicos (pelo menos fora de *chapbook* ou "livro de cordel" anónimo) vem de quando Verne já tinha 10 anos de carreira, ou até de 20 anos depois disso em diante, tal como na Alemanha recém-unificada (com Kurd Lasswitz à cabeça).

E em Portugal? Aqui a questão complica-se: não temos autores de fc mais complexos (e completos, em termos qualitativos e de produção alongada no género nas suas bibliografias) como Verne, Lasswitz e Wells até:

- aos contos algo *science fantasy* do entusiasta de literatura e ciência e escritor Xavier da Cunha de 1878 e 1903;
- aos abertamente descritos "romances científicos" e descritos nos respectivos prefácios como influenciados por Verne, escritos pelo militar, propagandista e escritor Albino Estêvão Vitória Pereira⁶, *Nova Lisboa* (1890) e *Portuguezes e Inglezes em África* (1891 ou '92);
- ao romance *História Autêntica do Planeta Marte* (1921) do ensaísta, dramaturgo, poeta e prosador José Nunes da Mata⁷ e alguns ensaios "romanceados", sobre arquitectura futura e tecnologia (então) corrente deste autor;

- as radionovelas e alguns pequenos contos de José Matos Maia (por vezes sob o pseudónimo Joe Match) nos anos de 1950;
- e aos romances fc do escritor fc e policial e defensor da liberalização do colonialismo luso Carlos Filomeno dos Anjos de Sousa Sardinha nos últimos dois anos da década de 1950 (sob o pseudónimo francófono Pierre de Juvissy e o pseudónimo pseudo-norte-centro-europeu Karel Külle);
- alguns elementos de ficção policial e fantástica e alguns contos directamente fc do cientista escritor Luís da Silva Campos.

Logo, até 1878 ou 1903, ou se desconsiderarmos a *fantasy* de da Cunha e focarmos na estrita fc, até mesmo num longo período de desenvolvimento de 1921 até aos anos '60, não poderemos falar de uma fc plenamente “madura” em Portugal, se tomarmos o próprio ritmo da história da fc portuguesa.

Se formos mais puristas ainda, podemos falar de fc *hard* ou “pura” só em contemporâneo com o período entre a *Golden Age of science fiction* anglo-americana (anos 1930-50) e a *New Wave Science Fiction* (anos 1960-70) ou até bem mais tarde, com a própria “idade de ouro” do género em Portugal, o que, inspirados na terminologia e historiografia do género feita por Jorge Candeias, podemos chamar período ‘depois da *Caminho*’⁸. Ou até apontaremos que ainda hoje a fc é muito *soft* e pouco cientificamente “polida” no país. Tomemos a posição intermédia possível: embora estritamente talvez da Cunha ou Nunes da Mata fossem os “pais” da fc *proper*, a proto-fc lusa também *proper* acaba com o ano de 1861 visto que mesmo obras que, dentro do desenvolvimento do género dentro do ritmo do mesmo em Portugal, ainda não têm maturidade da fc moderna, já têm influência fc *proper* graças a obras de um Verne e afins já disponíveis para modelos e inspirações dos autores Portugueses.

2. Elementos de proto-fc em literatura de Portugal (pré e pós-nacionalidade) e influências proto-fc em colónias lusas

2.1. Relíquias duvidosamente medievais e epopeias pré-científicas sob a “égide” teológica

Elementos e imagética similares aos da ficção científica moderna existem em várias epopeias que remontarão (duvidosa ou certamente) à Idade Média mesmo antes da “fundação da nacionalidade” (pelo século XIII) ou já ao Renascimento e Barroco. Por exemplo na epopeia judaico-sebastianista *Anacefaleoses da Monarquia Lusitana* de Manuel Bocarro Francês (1624), com as suas previsões de base astronómica/astrológica e profética de futuro imperial português utópico, portanto a visão de um colonialismo utópico pós-apocalíptico. Ou na epopeia medieval leonesa e beirã (talvez apócrifa) *Lenda do Abade João* de Afonso Giraldes (c. meados do século XIII), em que mulheres e crianças mortas para não serem vítimas de ataque mouro surgem novamente vivos mas com uma marca no pescoço (Almeida 274); este pormenor faz parecer quase que isto não é um simples milagre de ‘pim, já está!’, mas que algum actor extraterreno tivesse feito algum tipo fenomenal de cirurgia reconstrutiva e de revivificação. Ou ainda na glosa tardo-medieval/renascentista de D. João de Meneses, capitão de Arzila e Azamor intitulada *Durandarte ofendido de su dama* (c. finais do século XV), em que a espada do Par de França Rolando é abordada como um cavaleiro vivo que tem

a sua própria dama, como se a espada fosse algum tipo de autómato. A falta de referências propriamente científicas nestas obras, todavia, faz as suas supostas tecnologia, ciência e visões do futuro ou de alienígenas, mais próximos da fantasia ou de uma mitologia folclórica tradicional, que de algo científico propriamente dito.

Um dos textos mais antigos que pode ser citado como um precursor inicial da ficção científica é o antigo poema lírico-narrativo supostamente do período imediatamente pós-Visigótico (se ele não for a fraude do século XVI ou XVII que se vem suspeitando) chamado de *Romance da Cava*¹⁰, sendo curioso notar que as raízes da ficção científica lusa poderão estar no mais antigo texto com elementos narrativos lusitano ou português, e isto vê-se na forma como a Invasão Moura de 711 é descrita (embora em termos só vagamente fantásticos) no texto em termos quase de apocalipse (na destruição de uma civilização "de monta" pré-existente) ou de invasão por uma raça quase não-humana mas humanóide (que era como o Mouro frequentemente surgia aos olhos dos cristãos da Europa)¹¹, tendo também a "moldura intelectual" de ficção-científica de razão humana pensando sobre a humanidade e a busca de coisas mais além que complementem a nossa própria existência, mas novamente o facto de ter pouco de científico deixa este poema mais no campo da mitologia ou, dentro dos géneros modernos da literatura, da fantasia.

2.2. Proto-fc nativa goesa e a transmissão de proto-fc via colonialismo

Agora podemos avançar para a questão da influência do colonialismo na nossa literatura "proto-ficcional-científica". Na antiga poesia em língua concani da futura Índia Portuguesa, podemos ver na versão concani do século XVI ou XVII dos *parvas* (capítulos) do poema épico *Ramayana* (uma cópia do texto concani feita por jesuitas existe em Portugal, como o Códice 772 da Biblioteca Municipal de Braga) o uso das máquinas voadoras em forma de templos chamadas de *Vimana*, que viajam no espaço e debaixo de água, sendo capazes de destruir cidades inteiras com as suas armas avançadas¹². Numa poesia concani do século XII, *Aquele que trouxe ao de cima o Veda* (no original *Janem ratsatalavantu matsyarupem Vedaniyelem*, em Inglês normalmente traduzido *That one who brought up the Veda*), vemos um apocalipse primordial do planeta Terra num dilúvio no qual o *Narayama* ("Nosso Senhor") Vishnu, sob *avatar* (encarnação ou mais literalmente emanação) em forma de peixe, nadou através de todo o mar da Terra, deu o Veda (livro sagrado) ao rei-sábio e primeiro ser humano, Manu ou Manu Shiva, e protegeu-o, à sua mulher e outros 7 varões ilustres humanos e suas esposas do dilúvio (Paniker 1997 260)¹³.

As adaptações em prosa concani de alguns *parvas* do poema épico *Mahabharata* por escritores iniciais da Goa do século XVI incluem a história da viagem do rei Revaita aos céus para se encontrar com o deus criador Brahma, e quando o rei volta à terra, chocado descobre que muitos anos se passaram (o que não deixa de ser um precedente mais sobrenatural do tema da viagem no tempo ou do tempo passar de forma diferente num ambiente fora do mundo humano e dos mundos que a nossa espécie conhece familiarmente)¹⁴. Ora devemos lembrar-nos que Portugal foi o primeiro país europeu a visitar maritivamente a Índia e a colonizá-la, e que Goa seria território Português até à invasão de 1961, sendo a região lusófona de Goa também a raiz étnicas de muitos Portugueses de ascendência parcial indo-portuguesa¹⁵, e de alguma cultura portuguesa pós-contacto indo-português de 1498. Assim,

vemos aqui o colonialismo como forma de transmissão de "proto-fc" a Portugal: pela colonização da Índia, Portugal acedeu a esta "proto-fc" indiana.

Também na literatura concani da futuramente lusófona Goa (quando esta era chamada Sunnaparant), surge proto-fc nas versões abreviadas do texto greco-budista *As Questões do Rei Milinda*, que descreve a conversa entre o monge budista Nâgasena e o Rei Greco-Bactriano Menandro (ou Milinda para os Indianos) sobre religião, e termina com a conversão de Menandro ao budismo; nele o Rei pergunta a Nâgasena o que é o tempo, ao que o monge budista responde que o tempo é passado, presente e futuro mas existe um tempo real e um irreal de mera percepção (ideia que influenciou cientistas que investigam as questões do tempo e os escritores que influenciados por estes conceitos imaginam viagens no tempo na literatura)¹⁶. A discussão ou descrição da relatividade do tempo na Terra ou somente em espaços celestes dos *Devas* (ou divindades) é frequente em literatura budista (e na literatura abraâmica derivativa desta, graças às transmissões culturais da Rota da Seda) do fim do primeiro milénio antes de Cristo e de ao longo do primeiro milénio depois de Cristo.

2.3. Proto-fc religiosa medieval nos primeiros séculos da nacionalidade portuguesa

Voltando à influência religiosa europeia, outro precursor religioso apocalíptico desta abordagem fc apocalíptica em Portugal foi o texto de inspiração bíblica *Apocalipse do Lorvão* de 1189, copia do Mosteiro do Lorvão do texto asturiano do Beato do Liebano, e também, em geral textos de influência bíblica portugueses (a chamada "Bíblia historial") escritos em Portugal (em português e latim) desde a Idade Média, principalmente os apocalípticos, vemos também alguma linguagem temática que no futuro seria da literatura de ficção científica (ou da fantasia): com grandes cataclismos, fenómenos rompendo a normalidade física, encontro da humanidade com "Outros" de fora da Terra (embora neste caso sejam mais comumente anjos ou demónios)¹⁷. Obviamente, a aura de realidade e de sobrenatural associada à religião pelos seus crentes, torna o chamar "ficção", e "científica", a este tipo de textos e temas algo obviamente, polémico. Seja como for, além da "Bíblia historial", também no primitivo "teatro" (ou poesia dramática) português, podemos ver o maravilhoso a surgir com um certo realismo que lhe dá aura de fc na quinhentista égloga *Crisfal*: o autor (discutido pelos estudiosos lusos como sendo ou trova na qual o poeta Cristóvão Falcão escreve poema autobiográfico, ou na qual o poeta Bernardim Ribeiro escreve poema tirando inspiração da vida do seu contemporâneo Falcão) tem um elemento narrativo que é o mito grego da amante de Zeus, Io (Lucas 218), aplicado (como facto concreto e realista) a um contexto português contemporâneo do actor, assim criando uma fantasia mítica realista, de cenário contemporâneo do autor, e por isso com aparente carácter "físico" e "científico".

Outra influência religiosa na "proto-fc", agora fora do cristianismo, é a lenda de viagem a um "mundo perdido" suspenso no tempo que poderemos considerar proto-fc do tratado alegórico-místico islâmico *Narrativa das coisas estranhas e maravilhosas contempladas e vistas na Ilha Verde situada no Mar Branco* (século XIII) do sufi Persa radicado na Ibéria moura Alí ibn Fazel Ma Zandarinî. Nesta o autor descreve como real uma viagem sua pelo Atlântico, até uma ilha chamada de Ilha Verde¹⁸, que tem uma natureza e

forma de vida completamente diversas de uma existência mais comum, e em que a comunidade humana está bem no modelo de uma utopia (Alves 30). Mas é difícil classificar a obra como ficção científica propriamente dita, visto que não tem literalismo (i.e., quanto ao que acontece no texto ser literalmente algo para ser visto como real e que acontece/aconteceu), nem referências científicas concretas. Isto confunde-se facilmente com ficção fantasiosa, e é um acumular de alegorias e coisas fora do normal propositado da parte do autor que faz o texto demasiado estilístico e místico para pode ser levado a sério enquanto ficção científica como hoje a entendemos, mas certamente que podemos ver a inspiração e raiz de alguma ficção científica (portuguesa ou islâmica) futura, como modelo a inspirar a criação de um género futuro a ser modelado nesses moldes.

Nova fonte religiosa, agora novamente cristã: nos meados do século XIII, surge também a lenda de São Frei Gil, em que o então jovem cavaleiro Português que vende a alma ao Diabo para aprender as artes mágicas de Salamanca e, depois de ameaçado por visões divinas, acaba por conseguir recuperar o documento do trato com o Diabo, e se tornar frade dominicano e por fim santo. Portanto todo um precedente da lenda de Fausto, e como ela uma em que vemos uma espécie de protótipo (embora "preso" num contexto de fantasia) do tipo do cientista louco da ficção científica mais primitiva e "pop", com o lado de experimentador e sábio sedento de conhecimento fora do normal, e que sofre consequências monstruosas das suas experiências¹⁹. Não é por acaso que o referido António de Macedo, conhecido em Portugal e curiosos da fc fora do mundo anglo-americano por criar *Os Emissários de Khalom*, o principal filme de ficção científica português da década de 1980 (mesmo se estes eram só "uma mão-cheia" nos anos '80 portugueses), teve por largos anos um projecto de filmar um filme sobre S. Frei Gil que nunca se concretizou, mas que inspirou o seu romance de 2004 *As Furtivas Pegadas da Serpente* (exactamente com enredo sobre a filmagem de um filme desta lenda).

2.4. A lenda da Dona Marinha: proto-fc sobre educação e o que define humanidade em plena Idade Média?

Menos obvia é a égide sob a qual está a lenda familiar galego-portuguesa do século XIII-XIV (talvez autorada por um trovador Galego-Português depois de 1284) sobre a origem da família nobre galega dos Mariños (Marinhos em português)²⁰. Esta pode ser considerada não só fantasia, mas também proto-ficção científica no uso de uma criatura humanóide com a biologia desenvolvida para um ambiente diverso do nosso, com características diferentes dos seres humanos normais (e que, à maneira de alguma ficção científica ou realista, por educação e interação humana se assimila e desenvolve intelectual e/ou fisicamente). O protagonista é um cavaleiro Galego, D. Froyan ou Froyam²¹, que encontra numa caçada à beira mar uma "mulher marinha" (um tipo de sereia), e os seus escudeiros e monteiros apanham-na antes de esta poder voltar ao mar, levando-a o cavaleiro para casa, onde a desposa, baptizada como Marinha (por ser considerado o nome mais apropriado) e tem filhos dela.

Porém ao longo deste tempo, a Dona Marinha não falava de todo, pelo que para forçar uma humanização plena dela, manda acender uma grande fogueira e simula que o filho de ambos chamado Dom Joham Froyaz (João Froiás em português moderno) vai ser queimado

na fogueira. Isto fá-la berrar até que um pedaço de algo similar a carne negra lhe sai pela boca, permitindo-lhe finalmente falar como um ser humano normal e assim assimilar mais facilmente à sociedade humana do seu marido (Macedo 30-31). O que é esta obra em termos da nossa teoria das “égides” influenciadoras? A fonte não tem nada de colonial (embora lendas similares fossem registadas em folclores extra-europeus como o hebraico ou árabe), mas podemos ver uma confluência de religião e de preocupação científica, tecnológica e de ensino: de facto, esta parece uma estória de conversão em dois sentidos, sendo o enredo sobre uma criatura brava, domada, pela assimilação, à civilização, e que é convertida ao cristianismo e se torna a mãe de uma linhagem nobre da "bela sociedade".

2.5. Proto-fc de viagem na transição Idade Média-Renascimento: entre colonialismo e teología

Também texto tardo-medieval cristão e em português arcaico é o *Conto de Amaro*, descrito pela primeira vez na *Colecção Mística* de Frei Hilário de Lourinhã (meados do século XV) sendo possivelmente algo anterior recolhido nesta *Colecção* (Costa 110). O *Conto* envolve visão não linear do tempo, visto como algo que circularia de forma relativa em algumas regiões: nele um frei beneditino de origem asiática²² que decide viajar através do Atlântico então desconhecido em busca do paraíso terreno, o Jardim do Éden (outra influência, ou talvez precedência dada a idade da narrativa, do colonialismo, expresso como um Descobrimento místico e utopista) e durante a sua viagem encontra ao longo do caminho, entre outros lugares mais dentro dos limites do fantástico, um convento de freiras conhecido como "Flor das Donas", à saída do qual descobre que o que lhe pareceu um curto tempo passado no interior do convento foi afinal de 267 anos (Macedo 31).

Como sabemos, temas deste género, de um viajante apanhado de surpresa pela passagem do tempo natural de forma fora do normal, serão sempre recorrentes na fc, e nalguma fantasia e “fantasia-científica” ao longo dos anos. Similar em teologia ao *Conto de Amaro* mas desprovido do olhar colonial (ou proto-colonial?) eram precursores como o anónimo tardo-medieval *A Visão de Túndalo* (século XV), versão de original da Irlanda em latim. Descreve uma viagem em sonho de um cavaleiro a ver o “Outro Mundo”, que como na *Divina Comédia* dantesca (que este texto deverá ter influenciado) inclui uma viagem extraterrena pelo espaço até ao paraíso celeste que não "desencaixaria" muito (com mais alguma ciência e menos alguma teologia) numa narrativa de ficção científica (embora o foco puramente religioso seja aqui claro). E já no final do teatro medieval e início do renascentista, o poeta Conde de Vimioso, no início do século XVI, escrevia em trovas de tipo poema dramático/dramatizado *Entremez do Anjo* sobre um anjo, velha figura de origem extraterrena (que, claro, para quem quiser recusar o espiritual teológico, pode ser visto como não sobrenatural e extraterrestre imaginado de ficção científica).

2.6. O Livro de Linhagens de D. Pedro de Barcelos e a proto-fc

Várias estórias da colectânea de tradições familiares de casas nobres presentes no Portugal medieval conhecido como *Quarto Livro de Linhagens* ou *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (cerca de 1340-1344) têm elementos fantástico-ficcionais-científicos. Por

exemplo, a estória do Rei Artur é descrita com o usual fim de "animação suspensa" para Artur em Avalon («Islavalon» em Português arcaico) e para Merlim na floresta de Brocelianda. A lenda da D. Marinha também é registada neste livro de linhagens (Macedo 31), quando a estória estaria a aproximar-se dos 100 anos de existência desde a sua criação, segundo a teoria da sua origem do historiador Português José Mattoso). O Conde D. Pedro, fôra do livro de linhagens, na *Crónica de 1344*, descreve um tipo de civilização "mundo perdido" (frequente em fc *hard* como *soft*), o que é chamado em francês medieval *chastel felon* ("castelo delinquente"), um lugar que sobreviveu como povoação pagã à cristianização da Bretanha pelos descendentes e seguidores de José de Arimateia, e resistiu a ataques militares cristãos do Rei Artur e Carlos Magno executados após achados ao acaso do castelo.

No relato do Cavalo Pardalo (parte do relato da Dama pé de cabra do Conde D. Pedro, similar ao da Dona Marinha mas em que a assimilação da mulher não-humana, neste caso mais feérica se não mesmo demoniaca, falha) do seu livro de linhagens, um ser animalesco com características específicas (sendo «pardalo», malhado) que se desloca pelo céu voando, e que não sendo descrito como alado como típico na fantasia e folclore e a sua natureza não sendo explicada, bem poderá ser algum tipo de mecanismo ao estilo do (também proto-ficcional-científico, e também voador sem asas) cavalo de ébano d'*As Mil e Uma Noites* do Mundo Muçulmano, ou pelo menos algum ser com biologia fora do comum para animais. No relato do seu livro de linhagens sobre Balduc, o Voador (Bladud no original bretão), D. Pedro descreve este rei lendário da Bretanha pré-romana e pai do Rei Lear (Leir ou Leyr em Português arcaico) como um praticante de necromancia e divinação através dos espíritos dos mortos, elemento sobrenatural que porém tem o salto para o "retrofuturismo" graças à necromância Balduc lhe construir asas com que voa do tempo de Apolo em Trinovantum ou "Nova Tróia" (a Londres actual), voando com sucesso até a "ordem natural" o punir com queda por terra, quebrando-lhe o corpo todo e morrendo, sendo enterrado em "Nova Tróia" e sucedido pelo filho. Podemos bem indicar o relato de Balduc e d'*O Cavalo Pardalo* como discutíveis exemplos de ficção científica antes de tempo.

2.7. A proto-fc nas matérias dos romances de cavalaria

Durante a Alta Idade Média tardia e a Baixa Idade Média portuguesas, temas próximos da fc apareciam dentro de muitos livros de cavalaria. Surgiam robôs chamados de "autómatos" em romances de cavalaria portugueses como ou nas narrativas de Eneias de D. Afonso X de Leão e Castela e da crónica e livro de linhagens de D. Pedro de Barcelos. Uma sala cheia de autómatos surge ainda no ciclo de Tróia que é repetido por D. Afonso X, D. Pedro de Barcelos e a tradução para galaico-português de alguns capítulos da *Crónica Troiana* de Afonso XI de Leão e Castela²³. Estes autómatos frequentemente pertenciam a feiticeiros, guardavam entradas de lugares especiais ou forneciam avisos aos cavaleiros-errantes. Pela associação à feitiçaria, frequentemente os autómatos surgiam em guardas de túmulos, como nas estórias de Eneias e no romance *Flores e Brancaflor*, ou em misteriosos palácios subterrâneos como no *Livre de Lancelot* (de cuja versão manuscrita de Coimbra restam só fragmentos). Estados similares a animação suspensa surgem na dita *Hestoria de Troya*, em que o Rei Príamo de Tróia põe o corpo do seu heróico filho Heitor num túmulo com uma rede de tubos passando pelo seu corpo, pelos quais fluía um bálsamo (fluido

reputado na altura por preservar a vida), mantendo-o vegetativo e o corpo conservado (e mantendo processos como crescimento de pelos faciais ocorrendo)²⁴.

2.8. Necromância, discutíveis autónomos e truques de magia explicáveis em contos renascentistas

Mas seres físicos feitos por necromancia por feiticeiros a partir da sua essência pessoal nem sempre tinham formas antropomórficas ou eram exteriores aos necromantes, mas podiam ter formas como a forma de veado que um necromante cria sobre o seu próprio corpo no *X Conto* do II volume (1585) de *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* de Gonçalo Fernandes Trancoso (volume em que o nome do autor surge erradamente como Gregório). Este conto está ligado por enredo ao X do I volume (de 10 anos antes), formando assim o ciclo que pode ser chamado (tomando de parte do cabeçalho do X Conto do II volume) "O Português que foi cativo na corte de el rei de África" (um terceiro conto estava anunciado para completar o ciclo no III volume que sairia em 1595, mas nunca foi publicado e quiçá nem sequer escrito). Esta criatura lembra vagamente o vago cavalo pardalo ou o claramente mecânico cavalo mágico d'*As Mil e Uma Noites* já referidos e outros de literatura e lenda tradicionais na sua deslocação rápida e supranormalmente eficiente.

Este veado ligeiro não é uma ilusão óptica menor como os outros truques deste vilão neste ciclo de contos (que referiremos em pormenor abaixo), mas também não parece magia convencional (que simplesmente faria o necromante alterar o corpo para a forma desejada de veado), mas ele aparece sob forma de veado a toda a gente, de uma forma que nem a melhor ilusão de óptica realista explicaria, e torna-se interessante ver que o Português (ele próprio conhecedor das "artes mágicas") salva o rei Mouro Africano tomando a forma de leão e atacando esse veado, e no fim o necromante falece de feridas reais de um efectivo ataque similar ao de um leão, como se o facto de um parecer veado sem o ser, e o outro parecer leão sem o ser, se devesse ao pôr de algum tipo de falsos corpos sobre os corpos biológicos reais de ambos os humanos (mas como não temos explicação aprofundada, pouco podemos especular sobre o ponto até ao qual podemos considerar isto mais ou menos científico ou proto-fc). É dado a entender porém que há nisto algo de efectiva alteração física e de ilusão de óptica simultaneamente («porque sua amaldiçoada ciência para todo o mal a ele ajudava e com ele podia transformar naquele veado, e lhe parecia à vista dos que a ele não conheciam como eu», explica o sábio Português aliado do rei Mouro). Esta é só uma das maravilhas vagamente científicas do ciclo formado por este conto e o X do I volume (1575), que tem ainda ilusões de peso e de óptica (uma pedra olho de gato que parece mais pesada que qualquer coisa e um porco do monte que passa por cavalo) que parecem mais ilusões de magia do mundo real de explicação científica que "verdadeira" magia sobrenatural.

2.9. Proto-fc em alegorias e roteiros renascentistas

A busca da humanidade pela imortalidade e encontro com um imenso "Outro"²⁵ são também frequentes nos livros alegóricos e romances de "Matéria de Roma" (i.e. tema greco-romano) ou que usam de temas clássicos, surgindo por exemplo no *Desengano de perdidos* (1573), do franciscano e primeiro Arcebispo de Goa Fr. Gaspar de Leão²⁶, impresso na cidade

indiana, que além das espectáveis análises de finais apocalípticos do mundo com guerra religiosa mundial e uma utopia cristã mundial triunfante no fim, a descrição (de bases teológico-filosóficas) dos marinheiros da mitologia grega sob ângulos teológicos, como referir quem anda no mar como estando num estado de 'suspensão animada' (não sendo «morta nem viva»), referências a 'fins' últimos do homem, referências a "mundo perdido" das Tribos Perdidas de Israel que virão do Norte de África liderados por um messiânico «judeu do sapato» e comparações do marinheiro Ulisses com um sábio e santo que explora a existência os seus desafios sendo agora simbólicos (simbolismo de descoberta do mais-além e de si próprio que surgiria em muita fc posterior, agora com 'marinheiros do espaço'). Cristianismo e “Matéria de Roma” também são fundidas na epopeia nacional portuguesa, *Os Lusíadas* (1572) de Luís Vaz de Camões. Mas fará sentido indicá-lo como proto-fc?

Bem, para isto vale a pena lembrar o caso das reivindicações d’*A Odisseia* de Homero como proto-fc: viagens imaginárias até ilhas idílicas com muito de simbólicas e confrontos com monstros (como o Adamastor do poema camoniano que porém não é criação de mago proto-cientista nem algum ser extraterrestre mas um primitivo titã mitológico) surgiriam em muita fc posterior, não esquecendo a presença de referências de astronomia, fenomenologia marítima como trombas de água ou o Fogo de Sant’Elmo, botânica ou zoologia (como têm provado várias monografias desde *Flora dos Lusíadas* do Conde do Ficalho no século XIX), presença de transformações de forma plenas e de um verdadeiro herói que desafia os limites do normal (mesmo assim o herói mítico é bastante distinto do herói de fc moderna; note-se que é tradicional a crítica dizer que o grande herói humano do poema, Vasco da Gama é passivo e pouco complexo e mais heróicos são os deuses Vénus e Marte), só que isto poderá ser mais questão do género fc usar de formas literárias antes *mainstream* que pela nossa época já se extinguiram em literatura que não fc (SFE, “Proto sf”); mas para além do que diríamos uma proto-ficcionalismo-científico genérico de epopeias míticas, *Os Lusíadas* merecem menção o episódio final em que na Ilha dos Amores (uma utopia mas que pode ser vista como genericamente fantástica mais que proto-fc) a deusa Tétis apresenta ao Gama uma visão do universo (pelo modelo geocêntrico), da Terra (com os 4 continentes então conhecidos), e de futuros (para Gama; todos eram passado para Camões) feitos portugueses na Índia.

A fronteira de ficção medieval ou renascentista inicial com elementos supostamente científicos e verdadeira ciência²⁷ medieval pode ser frequentemente vaga, no caso da literatura portuguesa como de todas as outras mundiais. Obras como passagens nos contos referidos de Gonçalo Fernandes Trancoso descrevendo crenças de influências terrestres de seres celestiais ou de contactos com estes que aos nossos olhos podem ser encontros com ETs. Ou como relatos de viagens do princípio dos Descobrimientos tendiam a ter elementos de fantástico ou ficcional-científico, como supostas "maravilhas" e fábulas antigas no roteiro realista da Terra Santa de Frei Pantaleão de Aveiro em *Itinerario da Terra Santa e suas particularidades* (1593), como imaginar que pássaros e rolas do Monte Carmelo surgem sempre, como um 'comité de boas vindas' do país²⁸, e exageros do real de terras de deserto sem uma única misera erva ou planta menor²⁹ ou o inverso de campos abarrotando de frutos enormes, ou crer (seguindo a Bíblia) na paragem do sol feita por Deus a pedido de Josué. Numa obra de ficção dantesca (como *A Visão de Túndalo*), mas agora em verso, o poema longo do final do século XV *Inferno dos Namorados* de Duarte de Brito (incluído no

Cancioneiro Geral de 1516 coligido pelo poeta e cronista Garcia de Resende), em que no meio de um exercício lírico sobre o amor, vemos uma visão de um outro mundo (neste caso o inferno) localizado num centro da Terra que se imagina ser oco segundo a crença da "Terra oca" (como frequente nas descrições tradicionais do inferno, que o localizam debaixo da terra no seu centro). Mas é difícil saber até que ponto as passagens serão intencionalmente proto-fc³⁰, fantásticas ou seriam realidades aos olhos dos autores, isto numa época com outra noção do que é real e irreal, ou científico ou não.

2.10. Transformações socioculturais portuguesas e consequências destas

No período final das obras até agora descritas, surge em Portugal não só a chegada do Renascimento humanista a Portugal³¹, como a chegada da Inquisição³² que ao longo de quase 300 anos³³ de controlo de inspiração teocrática sobre as artes. Estas "importações" simultâneas criariam uma espécie de rivalidade entre produções de inspiração teológica e de inspiração científica e humanista, porém com as primeiras, obviamente, a serem dominantes em número e domínio do discurso social. Um humanismo renascentista "domado" pela Inquisição seria a raiz (em Portugal e na Europa ocidental católica em geral) da sensibilidade barroca, em que uma excessividade dominou sobre o ideal de equilíbrio do Renascimento e dos precursores clássicos, a religiosidade cristã voltou a sobrepôr-se à síntese católico-pagã renascentista, e apoios a absolutismos políticos voltaram a sobrepôr-se à idealização e especulação sobre repúblicas e sistemas afins frequentes no Renascimento. O modelo do Barroco (ainda antes da chegada do Renascimento e da Inquisição a Portugal) seria dado pela fusão de medieval e renascentista, por exemplo, do teatro de Gil Vicente. Neste autor também encontramos "proto-fc", na tragicomédia *Frágua do Amor*, representada para a festa de casamento de D. João III com D. Catarina de Áustria em Évora em 1524; nela Apolo apresenta um engenho feito que concede aos amantes os seus desejos, e para humor e paródia é usado este mecanismo quase "retro-futurista" embora de origem aparentemente divina e mágica (apesar de ser claramente uma máquina).

2.11. Sob a "égide" da teologia no Renascimento e Barroco

Já depois da chegada da Inquisição a Portugal, na transição do Medieval para o Renascimento, seria a teologia (com inspiração ainda das mundovisões medievalizantes da *Visão de Túndalo* e do *Conto de Amaro*) a inspirar o sacerdote e explorador Português Francisco Álvares a escrever um suposto roteiro da geografia real e descrição antropológica da longuíqua Etiópia (novamente, a influência da colonização e exploração portuguesas na proto-fc), assente na mitologia do Reino do Preste João e num certo utopismo ideológico (de contacto europeu com um lugar ideal utópico que pode ser catalista de fim dos tempos milenarista, que pode ser apelidado de fc por lógica *lato senso*): *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias, Segundo Vio e Escreveo ho Padre Alvarez Capellã del Rey Nosso Senhor* (1540), verdadeiro *best-seller* europeu na altura (traduzido para espanhol, francês, inglês, alemão e italiano).³⁴

Também minimamente "proto-fc" e guiado pela teologia, seria o misticismo de *Eva e Ave, ou Maria Triunfante* (1676) do jornalista primevo, escritor de miscelâneas e poeta épico

António de Sousa de Macedo, que sendo obra essencialmente teológica e de miscelânea de saberes filosóficos e teológicos considerados *mainstream* na época, inclui um claro conhecimento científico (como conhecido na época) e algumas narrativas de pseudo-cientifismo que podiam ser vistos como fantasia ou mito por outras ópticas, mas que de Sousa de Macedo trata como estritamente real e concreto. Como a fantasia do príncipe Lusitano antigo deixado à morte e criado por uma loba, Abidis, ou a própria partenogénese da mãe de Jesus, além de referências a geração espontânea, futurologia, apocalipses, escatologia³⁵, ressurreição, vida-depois-da-morte, anatomia, biologia, fisiologia, astronomia, cosmologia e geologia. Lembremos ainda que Sousa de Macedo tratou da existência da “Ilha Afortunada” ou “Ilha das Sete Cidades” (descrita como ilha muito grande claramente distinta dos Açores e Madeira reais achados pelos Portugueses e das Canárias achadas pelos Espanhóis, que não aparece quando voluntariamente procurada, habitada por «Portugueses»³⁶ após a invasão moura/árabe de 711) no panegírico da Península Ibérica *Flores de Espanha - Excelências de Portugal*³⁷ (Mendanha 80-81).

2.12. A ciência e a proto-fc não-teológica no Renascimento português

Apesar da dominação da igreja e da Inquisição, com o Renascimento começamos a ver a ciência a tomar terreno à fé muito lentamente, com Deus a ser tirado do centro da visão do universo (teocentrismo), para ser posto no seu lugar o Homem (antropocentrismo), embora claro, Deus seja Deus e a ciência só seja aceite de acordo com a forma como encaixa na visão geral cristã ou cristianizada (vinda dos autores clássicos lidos por “lentes” cristãs). Várias descobertas se sucedem pelo mundo, começando com o centro do Sistema Solar ser pela primeira vez descoberto por Copérnico, e reafirmado por Galileu, como sendo o Sol, seguido de muitas descobertas astronómicas pelo mesmo Galileu, indo-se preparando o palco para o futuro Ilumismo, da derradeira “Era da Razão”. Mas a Inquisição vigiava tais descobertas, reprimia num primeiro momento, e algumas décadas ou até um século depois as aceitava e assimilava dentro da sua cosmologia própria. Em paralelo com este processo, a ciência e o pensamento humanista começam a influenciar nova literatura ficcional e narrativa destes temas, também em Portugal.

O artista e humanista Português de ascendência flamenga Francisco d'Olanda publica em 1571 uma mistura de projecto de construção e escrita utópica de previsão chamado *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa (1571)*³⁸. Este modelo de ficção quase “disfarçada” de outra coisa (neste caso como noutros, de listagem de projectos arquitectónicos e urbanísticos) “pegou” em escrita ficcional-científica portuguesa posterior (Macedo 33-34); as continuidades deste estilo, porém entram já no período da fc propriamente dita, e portanto saem-nos do foco deste artigo. Esta forma de ficção “ensaística” tornou-se também um bom mecanismo para um escritor promover visões e projectos pessoais de uma forma dinâmica e mais fácil para interessar um leitor. Numa nota lateral da literatura “ficcional-científica”, foi também no final do século XVI que surgiu o poema didático-científico (no estilo de Giordano Bruno) *Microcosmografia ou Descrição do Mundo Pequeno que é o Homem* de André Falcão de Resende.

2.13. Poesia científica, ensaio milenarista, diálogos e uma petição “ficcionalada”

Ao longo dos séculos XVI, XVII, XVIII e primeira metade do XIX, o racionalismo e o interesse científico foram aumentando a criação em Portugal de alguma literatura utópica em prosa e em verso narrativa ou lírico-narrativa, sobre temas científicos, antecipando muita da futura ficção científica. Note-se porém, que uma cosmologia derivativa do exposto no texto bíblico domina ainda, ao ponto de o heliocentrismo ser gozado ou "comprovado" como errado, baseado em todo o tipo de argumentos. Mesmo na utopia da literatura lusa, no século XVII e parte do XVIII, a inspiração principal de utopias tende a ser mística e religiosa (quer milenarismo católico, quer o mais ou menos herético messianismo sebastianista que transformou o rei D. Sebastião desaparecido na Batalha de Alcácer Quibir num messias), mais que um cientifismo utópico quase precursor do *steampunk*, ou alguma tendência proto-socialista. Fora do utopismo, umas obras tocavam em eventos passados e descrições da criação divina misturando ciência e maravilhoso, como o «poema sacro» *Espelho do Invisível* (1714) do poeta, tradutor de historiografia e diplomata Troilo Vasconcelos da Cunha (especialmente o canto IX do mesmo), em que um certo humanismo de preocupações científicas domina sem pôr em risco o criacionismo e a teologia católica (antes os promovendo e defendendo).

Outras usam do formato de diálogo dramatizado entre filósofos para comentar a hipótese de existência de vida extraterrestre como no *Teatro crítico universal* (9 volumes entre 1724 e 1740 com suplemento em 1765) do autor Galego (portanto membro de um "poo irmão" dos Portugueses, e pessoalmente defensor de português e galego como uma só língua) Benito Feijoo (aportuguesado como "Bento Jerónimo Feijó"), raiz de uma polémica luso-espanhola sobre as suas conclusões quanto ao espaço e sua habitabilidade (referiremos o lado anti-Feijoo abaixo). Algumas obras tocavam em futuros milenaristas e utópicos como a *História do Futuro* e a *Apologia das Coisas Profetizadas*, ambas do Padre António Vieira³⁸, chamadas de proto-ficção científica ou fantasia pelos Brasileiros Roberto de Sousa Causo (Causo 59), e Diogo Cesar Nunes da Silva (Silva 1-18) e pelo Português Pedro Campos Costa (Costa 242-243), embora o estudioso e autor f e fc Português Jorge Candeias, numa crítica no seu blogue *A Lâmpada Mágica*, conteste a ligação como solta e mais de influência de um texto não-fc posterior no género do que de pertença propriamente dita desta ao género fc propriamente dito (*vide*. Candeias III). Outras obras misturavam picaresco satírico e filosofia pseudo-científica platónico-pitagórica como o dramaturgo, poeta e romancista cristão-novo Luso-Espanhol António Henriques Gomes no romance picaresco e fantástico (com reencarnação e tudo) *El Siglo Pitagorico y Vida de D. Gregorio Guadaña* (na versão em Português *Século Pitagórico e Vida de D. Gregorio Gadanha*), portanto com fins de ideologia sócio-educacional (e talvez de teologia, mas da heterodoxa).

Mas seria um clérigo, e um do "Portugal colonial", o Padre Português nascido no Brasil Bartolomeu Lourenço de Gusmão, quem faria o primeiro texto da "proto-fc" portuguesa sob égide socio-educacional e não teológica ou colonial (descontando algum foco sobre educação e assimilação cultural da já referida lenda da D. Marinha): por volta de 1710 ele fazia ao rei D. João V uma petição para uma patente do seu aparelho voador. Mas no texto, para iludir imitação da patente através de contra-informação, criou um desenho mais estranho do que o objecto real, dando-lhe forma de barco e uma proa com cabeça de ave (a famosa "barcarola" ou "passarola"). Assim um texto supostamente puramente científico, por

esse desenho puramente imaginário pode ser posto dentro proto-fc. Torna-se compreensível que o "Padre voador", autor de um texto científico de não-ficção (mesmo que "mitómano"), fosse visto como um "inimigo" ou um alvo possível de gozo pela sociedade portuguesa corrente, com mesmo autores não-clericais e algo heréticos e "alarves" a tornarem-no e à "barcarola"/"passarola" em alvos de paródia, num debate entre visões de tecnologia "correcta" ou "errada" e da ciência que devia ser ensinada à sociedade.

2.14. O anti-cientifismo na proto-fc do século XVIII

O engenho aerostático e Lourenço de Gusmão surgem na epopeia herói-cômica *O Foguetário* de Pedro Azevedo do Tojal, em que o herói, cónego mestre de fogos-de-artifício da corte lusa, recebe uma boleia da "passarola" de Gusmão (que é claramente alvo da "mordida" satírica do texto) para ir ao Monte Etna para recorrer ao auxílio técnico do deus da forja Vulcano (Pimentel 54-58). Como Kingsley Amis disse da comparável novela grega *Uma História Verdica* de Luciano de Samósata, «É dificilmente ficção-científica, visto que deliberadamente empilha extravagância sobre extravagância para efeito cômico»⁴⁰ (Amis 28), apesar de parecer uma paródia da *space opera* antes da mesma existir; como diz Bryan Reardon, o tradutor de Luciano, da referida *História*, a obra «não é realmente ficção científica [...] não há nenhuma ciência nela» (Reardon 619).

O poeta picaresco Tomás Pinto Brandão também parodiou a "passarola" (aliás, foi ele quem inventou a alcunha, a princípio insultuosa, para o aparelho), no livro de poemas *O Pinto Renascido Empenado e Desempenado - Primeiro Voo* (1732).⁴¹ Como se vê, o cientifismo a princípio era pouco respeitado e influente na sociedade portuguesa, só triunfando sobre a teologia (e mesmo assim com muita "miscigenização" entre ambas, para agradar a um público católico laico e leigo) no final do século XVIII e principalmente no XIX já depois do triunfo do liberalismo (Macedo 31), junto com uma renovação do estilo literário. Isto viria em obras com a exaltação de espaços celestes e corpos celestes que o preenchem, seguindo fórmulas já definidas pelos pré-Românticos e mostrando algum panteísmo místico, na descrição científica e realista, misturada com mitologia panteísta, como no livro de poemas *A Primavera* do Romântico da "Primeira Geração" António Feliciano de Castilho (1837).

2.15. Catalogação da proto-fc portuguesa teológica (séc. XVII-XIX)

Outras obras de proto-ficção científica do século XVII a meados do XIX influenciadas por teologia (mítica ou religiosa *proper*) são:

- a narrativa de uma suposta viagem real dentro do nosso planeta até um país isolado misterioso no chamado Códice 503 da Biblioteca Nacional de Portugal⁴², no terceiro (mas segundo em data de origem dos três textos recolhidos) dos três textos do Códice, *Notícia da Ilha Encuberta [sic] dada pelos P.es⁴³ Fr. Andre de Jesus e Fr. Fran.co⁴ dos Martires Religiozos Capuchos q[ue] a ella forão [n]o anno de 1668*. Datando de 4 de Fevereiro de 1669, é testemunho de Frei José de Jesus e Frei Francisco dos Mártires, assinado (i.e. hierarquicamente autenticado) por Frei Francisco de Jesus (superior do Convento de Santo António dos Capuchos de Lisboa),

da suposta visita das duas testemunhas à ilha encoberta onde estaria D. Sebastião no ano anterior ao da escrita do manuscrito⁴⁴. Além de uma ilha utópica, esta parece ser numa espécie de “outra dimensão” (o que “dá” tanto para “proto-fc” ou “proto-fantasia”), e esta versão da Ilha Encoberta tem os monges a verem o que descrevem como quadros em movimento que apresentam cenas de batalha e fuga de um dos combatentes do massacre⁴⁴;

- o mesmo códice da BNP inclui o texto utópico sebastianista *Encuberto [sic] egregio, dialogo portuguez; Carta do R.mo⁴⁶ P.e Fr. Bernardino de Sena... p.a⁴⁷ o Duque de Bragança Dom Theodosio 2º sobre a vinda del Rey Seb.*, e ainda uma *Resposta de certa pessoa a outra que lhe mandou perguntar o que sentia a cerca [sic] del Rei D. Sebastião feita no ano de 1658*, ambos textos em forma de explanação em epístola em prosa das crenças milenaristas e utopistas do sebastianistas de Portugal (como analisadas pela ortodoxia católica);

- a obra (escrita também na forma de diálogo) *Exame preciso dos fundamentos dos sebastianista nas miserias em que se acha Portugal no ano de 1712* do mesmo códice 503, explana as crenças utópicas e o mundo futuro desejado pelos sebastianistas da altura (texto "proto-fc" de um tipo muito inspecionado pela Inquisição pelo seu conteúdo místico mais ou menos heterodoxo mas que ela no fim de contas ignorava como "fábula");

- o ensaio *Cursus Philosophicus Conimbricensis, Pars Secunda in Physicam* ("Curso de Filosofia de Coimbra, Para Segunda-parte [do Curso] de Física", 1713), do educador e filósofo Jesuíta António Cordeiro, considerava a hipótese de Deus ter criado um (ou mais) mundo(s) paralelo(s) como o nosso habitados por outra(s) humanidade(s)⁴⁸;

- o tomo I da obra em forma de diálogo (por isso semi-ficcional) *Theatro do mundo visível, filosófico, mathematico, geográfico, polemico, histórico, político e critico, ou colloquios vários, em os quaes se representa a formosura do universo, e se impugnam muitos discursos do sapientissimo Fr. Bento Jeronymo Feijó* (1743) do poeta e orador dominicano Frei Bernardino de Santa Rosa, de obra breve apesar dos cerca de 60 aos de vida que teve. O diálogo fez parte da dita polémica ibérica entre a visão de Feijoo e a visão mais religiosa e tradicionalista do universo de Santa Rosa⁴⁹. Mas Santa Rosa ainda expunha alguma ideia de possibilidade de mundo de proto-fc de vida extraterrestre (ao falar de "mundo criado, visível e invisível"), mostrando assim o entendimento do lado "anti-Feijoo" ou "pró-Santa-Rosa" da questão sobre o que seria o ‘máximo possível’ de ciência que se poderia a fundir na fé, com esta última dominante);

- um diálogo comparável a outra obra precursora da fc deste género, *Conversas sobre a Pluralidades de Mundos* de *Conversas sobre a pluralidade dos mundos* de Bernard le Bovier de Fontenelle, de c. 100 anos antes, é o *Memorial histórico da criação do mundo celeste e do mundo elemental, em perguntas e respostas* (1754) de João Cardoso da Costa, que segue a mistura de teologia, astronomia e astrologia de Troilo Vasconcelos da Cunha (que no século XVII fora quase única) e considera a hipótese de mundos paralelos numa abordagem em que

(como comum na época de chefia do governo do Marquês de Pombal em Portugal) teologia e ciência se começam a fundir mais a fundo;

- o ensaio *Philosophia, Libera seu Eclética Rationalis, et Mechanica Sensuum* ("Filosofia, Livre da sua Razão Eclética, e Sentidos de Mecânica", 1766), do filósofo e educador Jesuíta Inácio Monteiro, sintetiza os sistemas copernicano e de Galileu (acabados de assimilar pelo catolicismo e tirados do *Index*) com velhas crenças aristotélicas e de S. Tomás de Aquino, teorizando a possível existência de 'outras humanidades' noutros planetas;

- o poema *Noites Josephinas de Myrtillo* (1790) do poeta Luso-Espanhol (de possível ascendência germânica) Luís Rafael Soyé, que sendo essencialmente um elogio fúnebre pela morte do jovem príncipe-herdeiro D. José, Príncipe do Brasil, também tem todavia, no seu enredo, não só o fantástico de uma viagem aos Infernos, mas o proto-ficcional-científico de uma viagem através do espaço como então imaginado, de forma algo "ópera espacial" e de "alta fantasia" mitológica, pelo que se vê aqui a fusão de teologia quanto à vida depois da morte, com mostras de conhecimento da ciência da altura (mas essa ciência sendo apresentada sem o cientifismo, ou o louvor da ciência, serem o foco do texto);

- o diálogo *O filósofo discursivo sobre a historia da filosofia e principios fisicos do composto natural* (1802) de Manuel de Santa Ana⁵⁰ ficciona uma discussão que apresenta um tipo de civilização mais alto, utópico e superiormente científico. Embora não partilhe a estrutura de viagem a um "mundo perdido" ou o género romanesco d'*A Nova Atlântida* de Francis Bacon de uns oitenta anos antes, partilha a natureza de texto mais de intenção filosófica que de intenções literárias, que promove um eventual sistema ideal. A utopia proposta é o sistema de crenças do Pentateuco de Moisés, apresentado como sistema ideal (apresentando a religião como sua ciência e ideologia socio-educativa), enquanto se discutem os mais recentes achados científicos e hipóteses de vida extraterrestre;

- o diálogo à setecentista *Compêndio Histórico e Universal de todas as ciências e artes em diálogo por perguntas e respostas para uso dos curiosos. Nova edição com várias notas históricas, interessantes e curiosas* (data desconhecida, reeditado em 1816, 1817 e 1820), do clérigo vimaranense e tradutor (de John Milton e do poeta Suíço Salomon Gessner) José Amaro da Silva, que integra a ciência aceite pela Igreja Católica setecentista com o copernicanismo e a possibilidade de «habitadores da Lua»;

- o livro anónimo de edição popular (vulgo "cordel") ligado ao movimento messianista utópico sebastianista intitulado *Colecção de Vaticínios com o Discurso do Anónimo Utopiense* (1828), que inclui não só profecias messiânicas milenaristas (algo comum na época) mas no final também um suposto texto de uma pessoa não identificada que será nativa do país imaginário Utopia do livro de Thomas More de 1516, *Discurso do Anonimo Utopiense que trata da Filosofia do Encuberto, ou da izistencia futura do Quinto Imperio, e seu primeiro fundador El Rei D. Sebastião vulgarmente conhecido com o nome de Encuberto. Acrescentada com algumas notas ou addicoens e enterpretaçoens de varios Vaticínios, em que se calcula a sua vinda proxima* [todas das grafias sic], o tipo de livro que precede muita da

literatura de descrição de um outro mundo mais desenvolvido social/moral e tecnologicamente, escrita na primeira pessoa; novamente temos um encontro colonial pós-Descobrimientos com um extra-Europeu fictício;

2.16. Catalogação da proto-fc portuguesa promotora de ideologia sociocultural (séc. XVII-XIX)

Obras destes três séculos mas mais focadas em ciência, tecnologia e ensino (e ideologias sociais para estas) são:

- a obra em forma de diálogo (logo semi-ficcional; outra obra precursora da fc deste estilo é o diálogo *A cidade do Sol* de Tommaso Campanella) *Teatro crítico universal* (1726 – 40) do Galego Frei Benito Jerónimo Feijoo, que teve uma visão mais 'cientifizante' e aberta à existência de extraterrestres que o comum do clero da época, e por isso (como já vimos) provocou uma larga discussão polémica nesse século, em torno da questão do "grau" até que ponto ciência e teologia se poderiam fundir sem haver cedências na "pureza" da fé⁵¹;

- pelo memorialista, poeta e erudito Francisco Xavier de Meneses (quarto Conde da Ericeira), do poema épico *Henriqueida* (1741), sobre o pai do primeiro rei de Portugal, poema que⁵² tinha uma promoção de toda uma concepção cultural literária (os menos admiradores da qualidade da poesia deste texto, afirmam que ele é um mero discurso sobre o padrão da poesia épica como tirado de Homero, Virgílio, Boiardo, Ariosto, Camões e Tasso) e também das teorias coperniciano-galileianas e newtonianas, embora “contidas” para não “ofender” demasiado o pensamento ortodoxo católico da altura sobre o universo (refere o movimento paralelo da terra e alterações que provoca «da região que altera o Eolo leva consigo o mais vizinho ambiente» e que só com «o costume a espécie humana não vê/«sente», teoria católico-científica permitindo à Terra ser dita como móvel mas mantendo um eixo paralelo à “esfera celeste”);

- a utopia alegórica *Viagem à Ilha do Amor* (1744), do Cavaleiro de Oliveira⁵³, embora uma fantasia alegórica, é também modelo de alguma fc de utopia e distopia futura, e em linha com outras obras contemporâneas de proto-fc pelo mundo fora, mostrando ideologia, neste caso sócio-educativa, sobre a abordagem do amor na sociedade portuguesa, mas se tomarmos um olhar alternativo (lembrando o protestantismo do autor), talvez possamos chamar a este texto teológico por uma teologia heterodoxa de "culto do amor", fazendo ainda sentido falar do colonialismo como influência desta obra (com a navegação à Descobrimientos até uma ilha desconhecida, mesmo que fictícia);

- pelo dramaturgo, memorialista e novelista setecentista Manuel de Figueiredo, na peça de teatro *A grifaria* (inédito de 1777), uma fantasia fora do modelo Neoclássico ou greco-latino, que antecipa (um pouco como o Jonathan Swift do *Gulliver* ou o Ludvig Holberg do clássico norueguês *Viagens Subterrâneas de Niels*

Klim de 1741) uma certa fc surrealizante, que é um voluntário recusar pelo autor da estética literária do seu tempo;

- Os nove poemas científicos da Marquesa de Alorna (dos meados a/ou finais do século XVIII mas só publicados na década de 1840) em que esta poetiza os sonhos de viajar pelo universo extraterreno guiada pela deusa Astrea;

- muito dos aspectos que são descritos por alguns analistas do género como sendo proto-ficção científica em *As Viagens de Gulliver*, surgem nessa espécie de *mash-up* de *Gulliver*, retrabalhado para um enredo original em torno de uma personagem Portuguesa e feminina original, que naufraga no país de um povo fictício chamado Balinos que pela descrição do percurso será nos arredores da África Ocidental (outra influência do colonialismo) em *As Viagens de Altina* de Luís Caetano de Campos ou Luís Caetano Altino de Campos (1790-93), autor de ficção polemistista e algo filosófica de tendência liberal clássico próxima de autores como Montesquieu;

- o poema épico ou heróico-cómico *A maquina aerostatica* [sic] de um dramaturgo de pequena obra e do qual pouco se conhece, João Robert du Fond (que terá pelo nome cepa francesa), foi publicado (apesar de incompleto) em 1787 (com devidas permissões da Inquisição Portuguesa). Texto sobre aventureiro que em balão aerostático setecentista parte para uma viagem através do cosmo (o poema acaba, sem chegar ao fim do argumento enunciado, pouco depois da viagem começar), apesar de algum elemento mitológico de poema épico, é essencialmente um texto sobre ciência e não teologia (seja heterodoxa ou ortodoxa), com um certo lado de paródia dos sonhos elevados dos experimentadores aerostáticos da época (novamente, uma tendência de paródia da ciência e dos cientistas);

- um poema de Manuel Maria Barbosa du Bocage, *Da Audaz Ascensão do Capitão Lunardi no Balão Aerostático* ou *Elogio Poético à admirável intrepidez com que no dia 24 de Agosto de 1794 subiu o Capitão Lunardi no balão aerostático*, de 1794, que nas suas doze estâncias de oito versos cada (logo 96 linhas de verso, fora linhas de espaçamento) não só louva a ciência mas imagina "projecções extra-terrenas" que podem chegar à terra (para além de que o tema de um inventor experimentando uma máquina heroicamente, bem que se assemelha a alguma ficção científica dos séculos posteriores);

- o polemistista e letrado absolutista José Agostinho de Macedo com o poema épico *O Oriente*, em que refaz a epopeia *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões (1572) à luz dos seus criticismos do poema (incluindo o facto dos deuses parecem em personalidade mais vivos que o herói humano Vasco da Gama) e da paixão pessoal por temáticas científicas, tem algo de precursor de fantasia científica, mas é principalmente com as suas epopeias científicas que este autor precede a fc: *Contemplação da Natureza* (1801), *A Natureza* (1806), *A Meditação* (1813), *Newton* (1813), a "refundição" das quatro anteriores *Viagem Extática ao Templo da Sabedoria* (1830), e as epopeias póstumas *A Natureza* (1846) e *A Creação* (1865, em que, no modelo d'*A Divina Comédia* e dos poemas científicos da Marquesa de Alorna, o filósofo Séneca serve ao poeta/narrador de guia através do universo criado);

- António Manuel Policarpo da Silva foi o muito provável autor do texto originalmente anónimo que ponderou sobre as possibilidades de outras formas (não-

humanas) de inteligência, surgindo vários mundos dentro do nosso mundo fora do normal, incluindo civilizações de animais minúsculos secretas aos olhos dos humanos, no seu longo romance principalmente satírico e picaresco (com muito de swiftiano) *O Piolho Viajante* (originalmente publicada em folhetos de 1803 a 1805, e finalmente em livro em 1821);

- o poema *A Francisco de Borja Garção Stockier, para que cante em suas poesias os grandes matemáticos do século XVI*, de António Ribeiro dos Santos (mais conhecido pelo pseudónimo no grupo da Arcádia Lusitana, “Elpino Duriense”), publicado no *Jornal de Coimbra*⁵⁴ e dedicado ao louvor da ciência e de Francisco de Borja Garção Stockier, professor da Academia Real da Marinha e das Reais Academias das Ciências de Portugal e do Reino Unido. Nele "Elpino" ultrapassou os limites da poesia científica da sua época de simples louvor científico quase religioso, com as suas insinuações de outras formas de vida e um universo enorme fora deste planeta, chegando a insinuações (embora sob a capa de alegoria) de passagens de alienígenas associadas ao início da ciência terrestre («Então Urania,/descendo do celeste Olimpo às terras,/ensinar veio aos mortais bisonhos/da Astripotente Esfera altos segredos/e cá formou a Divinal Ciência»);

- em 1836, surge em poesia narrativa o conhecimento das leis da mecânica universal de Newton (que apesar do controlo inquisitorial da cultura e dificuldades de acesso da ciência portuguesa às evoluções da ciência anglo-germânico-sueca, eram bem conhecidas pela elite intelectual Portugal), no «poema físico-moral» de Vicente Pedro Nolasco da Cunha intitulado *Teleologia*. Este autor mostrou também alguns toques de proto-fc na sua tragédia alegórica *O triunfo da Natureza* (1809, publicada em Inglaterra);

- o texto anónimo *Viagem á lua*⁵⁵, de autor anónimo, provém de uma série de artigos no Volume IX (o primeiro da Terceira Série da publicação, de 5 de Setembro de 1846 a 25 de Dezembro de 1852) da revista semanal *O Panorama*, em torno de temas de viagens e de paragens distantes para os leitores 'viajarem' graças à imaginação (incluindo *ás minas do Perú, á Palestina por Mr. Sauley e Viagens – Passeio à Norwega*), num dos números de 1846;

- em 1848, surge na *Revista Popular* (n.º 31, vol. 2, pp. 243-4) o curto texto ensaístico de extrapolação *Nulidade do globo terrestre em relação a outros objectos da criação* do lente de Geografia no Liceu Nacional de Lisboa, educador, ensaísta e ocasional poeta João Félix Pereira⁵⁶, que não só considera a existência de vida extraterrestre, como reduz o planeta Terra a mero "ponto imperceptível no espaço" (apoiado em "provas matemáticas");

- outra derivação portuguesa de *Gulliver* era *O Gulliver dos meninos, augmentado com outras viagens*, um texto abreviado para crianças do clássico de Swift à qual o adaptador acrescentou episódios da sua “lavra”; o autor é o tradutor e gramático José da Fonseca (1864), que junta ao modelo swiftiano algo de "robinsonada" à *Robinson Crusóé*, obra que precedeu por poucos anos a de Swift e cujo optimismo o autor de *Gulliver* quis contestar⁵⁷. Como usual na "robinsonada", este texto mantinha influência dos Descobrimentos, da exploração marítima e da era

do colonialismo (lembramos a presença de marinheiros Portugueses no *Gulliver* original).

3. Conclusões sobre das égides de criação de proto-fc em Portugal e sua evolução

Feita a listagem e descrição das obras dignas de nota como parte dalgum cânone de proto-fc portuguesa, podemos analisar as ditas “égides” que inspiraram a escrita destas obras. É curioso notar que as obras religiosas foram diminuindo em produção (ou antes, tendo mais "rivais" meramente científicas) na fc portuguesa a partir do século XVIII, principalmente a partir do meio e fim do século. Um investigador de história da ciência portuguesa, J. Silva Dias, assinala como as primeiras décadas do século XVIII (como o século antes) foram de «moroso [...] desenvolvimento cultural [...] apesar do [quarto] Conde de Ericeira, de Alexandre de Gusmão, Azevedo Fortes» e outros (citado em Conceição I 170), mas a partir de 1737 conseguiu-se (apesar das limitações do controlo da formação de cultura pela Inquisição) formar ambiente para uma produção científica mais sólida e mais aproximada da Europa, com «a ruptura entre os padre oratorianos e a filosofia natural dos Conimbricenses e da segunda escolástica», além de que «a ciência matemática dos jesuítas (antes péssima) melhoraria com a criação de um «Observatório Astronómico sob a égide de Carbone» (Conceição I 170).

A. O papel da Inquisição Portuguesa

Por sua vez, a Inquisição tinha, com frequência, impactos incoerentes na cultura: além de o seu controlo ser por vezes na realidade muito mais "mole" do que a imagem que a própria desejava passar⁵⁸, havendo instâncias frequentes de proscricções públicas de ideias ou pessoas quando na verdade muitas obras com essas ideias, ou citando as mesmas e seus autores, não sofriam problemas fora alguns comentários de contextualização ou cortes menores. Havia ainda o estranho facto de a acção de uma dada Inquisição nacional poder ter "efeitos secundários" positivos involuntários por vezes fundidos com os "efeitos primários" negativos. Assim por exemplo, a perseguição à astrologia e vaticínios referentes à alma simultaneamente prejudicava o estudo matemático e da astronomia (que na altura andava associada à astrologia que era posta no mesmo nível de ciência), e beneficiava o progresso crítico-científico pelo descrédito enquanto ciência exacta dessas "ciências esotéricas"⁵⁸.

Prova desta duplicidade da Inquisição⁵⁹ é que, como afirmava o referido Inácio Monteiro, a afirmação de que a Terra se move foi proibida pela «Suprema Inquisição Romana» que «castigou Galileu Galilei porque o afirmou *como verdade de facto e não somente como hipótese. Permitiu porém, a todos que o pudessem defender como Hipótese, calcular e explicar as aparências e fenómenos astronómicos e efeitos físicos*»⁶⁰. Seja como for, o Iluminismo ia-se instalando em Portugal, apesar da continuação da Inquisição e do primeiro-ministro Marquês de Pombal acrescentar uma censura secular em 1768, e a educação secular sofria alguns avanços organizacionais, apesar da percentagem de gente alfabetizada ainda ser ínfima e da educação religiosa simultaneamente ainda ser poderosa (deixando pouco espaço para a secular) mas sendo já enfraquecida enquanto estrutura de ensino devido à acção do secularismo pombalino (que expulsa todos os Jesuítas do país,

involuntariamente "asfixiando" as "escolas menores"). Com o avanço iluminista apesar de todas as limitações, surgia, maioritária entre a elite secular portuguesa, uma visão mais secular e mais cientifista, que antes praticamente faltava de todo no país, com poucas excepções, como já vimos.

Analisando as égides sob as quais se escreveram em Portugal livros que poderão ser ditos "proto-fc", é natural que a égide da teologia se tenha sobreposto sobre a da ciência/tecnologia/ensino, vista a acção da Inquisição e da Igreja Católica em geral no país, a dominação religiosa da educação até à época pombalina e o facto de esta ter sido terminada por Pombal sem criar alternativa secular até a reforma de Universidade de Coimbra em 1772 (impedindo o contacto dos estudantes Portugueses com autores modernos de filosofia e astronomia e um estudo sério de Física Experimental até então, apesar de sérias lacunas em programas como os de Filosofia). Isto também poderá explicar porque as obras sob a égide da ciência, tecnologia e ensino a princípio tendiam a parodiar a ciência sob lógicas por vezes retrógradas e incultas. Mas a bem ver, isto não é coisa peculiarmente portuguesa, se pensarmos que Swift parodiou as academias de ciência como um todo (focando-se nas experiências mais extravagantes reais, e juntando outras inventadas com exagero imaginativo pelo autor), n'*As Viagens de Gulliver*, tendo talvez mais que ver com a ideologia dos próprios autores, visto que Swift era um *Tory*/Conservador Britânico.

B. A curiosa secundariedade da “égide” colonialista num país imperial

Mais curioso, é que sendo Portugal um império colonial e país de descobrimentos, tem uma menor e menos frequente influência pura (isto é, não misturada com a influência de outras égides) da égide do colonialismo na sua "proto-fc", excepção feita à transmissão da "proto-fc" indiana para Portugal via Goa, presença de utopias ultramarinas (o Preste João, a Ilha Encoberta sebastianista e a viagem a utopia insular do Cavaleiro de Oliveira), e viagens para terras ficcionais extra-europeias em geral (como em *As Viagens de Altina*). Talvez assim seja, porque esta influência se apresentava mais "solta"⁶¹ na escrita proto-fc lusa e não tanto como tema central, e assim facilmente aparece menos vincada ou como traço principal, em textos essencialmente teológicos, científicos ou educativos. Isto não se deverá explicar por uma tendência literária geral para “fuga” de temas coloniais/ultramarcinos ou “timidez” no lidar com eles: como documentado nos artigos *Indianismo*⁶², *Orientalismo* e *Ultramar*⁶³ do dicionário de literatura de Jacinto Prado Coelho, houve desde o princípio do período de conquista no Norte de África e da exploração marítima portuguesa propensão dos letrados Portugueses para escreverem não-ficção, poesia e alguma da pouca prosa pré-romance moderno (pós-Romantismo) sobre viagens extra-europeias, povos extra-Europeus (e seus costumes) e sobre os confrontos dos Portugueses com estes povos e com colonizadores rivais.

Apesar de (como encenado na cena do “Velho do Restelo” d’*Os Lusíadas*) haver sempre uma corrente de opinião em Portugal que defendia a inutilidade e prejuízo de uma empresa de viagem longínqua e antes a utilidade da “mera” cruzada perto da Península Ibérica (em Marrocos) num certo retorno à mentalidade cavaleiresca medieval, era inescapável, a nova realidade de um Portugal “globalizado” (como diríamos hoje) e colonizador/imperial. Lembremos que mesmo a alternativa do “Velho” ao colonialismo mundial não deixa de ser colonial: uma conquista e exploração “no quintal” de Portugal.

Assim, algum tipo de colonialismo era mentalidade inescapável no Portugal da altura, e consultando os romances de cavalarias luso-espanhóis do Renascimento e Barroco, vemos como a mentalidade de cruzada pós-medieval já não representava o puro regresso à Idade Média de Europa isolacionista, com povos de pele negra a surgirem mais frequentemente neles, as errâncias dos cavaleiros a incluírem passagens por países reais e imaginários longe da Europa⁶⁴, e em geral transformação do cavaleiro medieval pelo modelo do Conquistador Espanhol e do Português das Praças de África e dos descobrimentos⁶⁵.

Seja como for, um geral desvelo dos letrados Portugueses pelo seu próprio imperialismo parece não explicar a falta de temática profunda e principalmente colonialista na proto-fc portuguesa. Talvez⁶⁶, como mostra o caso do mestiço e colono António Vieira e do natural do Brasil Bartolomeu e Gusmão (se alguém teria pessoalmente perfil para uma proto-fc profundamente colonial seriam estes autores), a questão seja mais do pensamento de império na escrita precursora da fc, que tendia a ser de um império de Deus, milenarista, e portanto estes temas (de raízes até medievais e pré-Descobrimentos) “afogavam” o discurso colonialista puro num todo místico (e a partir do Iluminismo, alternativamente podiam “afogá-lo” em ideologias seculares); e no caso de Gusmão, as suas preocupações científicas levavam-no a focar-se em proto-fc mais preocupada em correcção científica e técnica, e ter o tema colonial ausente de todo, de forma não diferente daquele que seria escrita por um autor da “metrópole” sem experiência pessoal das colónias.

C. Política na proto-fc portuguesa?

E ideologia política? Como prometemos no início deste texto, temos de analisar se a "tríade" das égides influentes na "proto-fc" portuguesa será de facto uma tetralogia. Surge a ideologia política como subtexto e/ou intenção dalguma obra deste tipo em Portugal? Como dissemos acima a falar de Swift, o anti-cientifismo de algumas obras deste género em Portugal pode ser determinado por ideologia sociopolítica geral dos autores⁶⁷, apesar de nas obras em causa ela se expressar na forma da sua ideologia socio-educativa, e o mesmo se poderia dizer das obras pró-cientifismo, frequentemente extensões de liberalismos políticos de autores pré-Românticos como Alorna, Bocage, etc., e Românticos como Castilho. Mas enquanto influência directa, ela parece estar ausente. As causas disto serão, provavelmente: a falta de uma política bipartidária representativa⁶⁸, restando à ideologia liberal⁶⁹ expressar-se na "proto-fc" pela forma de ideologia social e não directamente política⁷⁰; e a força da religião e do movimento heterodoxo sebastianista no país, fazendo com que a ideologia utópica de organização social se expressasse por utopia de *res publica christiana* (república cristã) do Catolicismo convencional ou de Quinto Império sebastianista, e não por ideologia liberal utópica secular ou um proto-socialismo secular ou religioso.

E feita esta análise, falta fazer a história breve da ficção científica portuguesa em si própria, independentemente da questão das influências extra-literárias e intenções da mesma. Mas isso é outra estória...

Notas

- 1 Sobre o título deste ensaio: Ante os solavancos da aplicação legal do Acordo Ortográfico em todos os Estados subscritores e a declaração de muitos apoiantes do Acordo de que o mesmo ainda está aberto a melhorias e de altas figuras políticas de Estados-membros da CPLP de que o mesmo deve ser re-discutido, o autor ainda não usa o Acordo Ortográfico.
- 2 Trabalho efectuado pelo autor dentro de uma história breve da fc portuguesa que terá de ser apresentado para uma outra ocasião.
- 3 É uma agora já algo “velha” análise, mais óbvia desde o popularizar das análises literárias pós-colonialistas, dos paralelos entre colonização histórica e exploração espacial fictícia.
- 4 Isto é, a "ficção científica dura" ou num sentido “purista” do temo. Confirmar em Sheidlower.
- 5 Segundo uns cunhado por Charles Dickens numa crítica literária em 1861 (SFE, “Scientific romance”) ou tão cedo como 1845 (embora com significado variante, nem sempre comparável à actual noção de fc) (Nevins e Martinez).
- 6 Grafia portuguesa pré-1911, Victoria Pereira.
- 7 Grafia portuguesa pré-1911, “Matta”.
- 8 Referindo o período após o fim do prémio de fc da *Editorial Caminho* e da sua colecção do género em 1999, após 17 anos, seguindo-se uma “queda” da produção de fc lusa, vide. Candeias 2005a 1-2.
- 9 Também conhecido como «o Grande Africano», um colonialista, porém faltando no texto influência colonial.
- 10 O possível texto mais antigo numa língua proto-portuguesa (se de facto for do século VIII).
- 11 Sobre o apocaliptismo nas interpretações de conquistas árabes, ver a variante judaica em Colins 1998, e para variantes das três fês abraâmicas ver Swain 1940 7-8.
- 12 Precursor do tema ficcional-científico da forma de vida extraterrena mais avançada que vem civilizar e/ou proteger a espécie humana primitiva, ainda na infância
- 13 Para os elementos "pro-fc" da fonte original norte-centro-indiana que inspirou esta cópia concani, v. Mukunda *et al* 1974 5-12.
- 14 Incluindo o actual Primeiro-Ministro Socialista António Costa e, curiosamente, o actor e autor da distopia pró-monárquica *O último navegador*, Virgílio Castelo.
- 15 *Vide*. Gibbs.
- 16 Anónimo 1890 primeira parte (capítulo 2, secção 9).
- 17 Para um quadro geral da presença de influência dos textos bíblicos na literatura medieval portuguesa, vide. Martins 1979, e para uma análise a fundo do Apocalipse de Lorvão que poderá tornar claros alguns elementos discutivelmente fc deste, *vide*. Egry.
- 18 Outra influência colonial, no caso do imperialismo árabe, apresentando-se como uns Descobrimientos árabes antes dos portugueses.
- 19 Fausto é apontado como proto-fc por Slusser *et al* 5, e Cavallaro 2.
- 20 Esta teoria e datação da origem da lenda dos Marinheiros vem em Mattoso 2001 216.
- 21 Como era comum na Idade Média pela Europa fora antes da normatização linguística efectuada individualmente em cada país, num só texto as mesmas palavras ou nomes podiam ser grafados de maneiras diferentes.
- 22 Aparentemente no sentido de Médio-Oriente.
- 23 Temas fc segundo Adam 2000 49 e Vas-Deyres *et al*.
- 24 Traduzida/adaptada ela própria do *Roman de Troie* francês duocentista.
- 25 Confirmar sobre a possibilidade de reivindicação de natureza "proto-fc" do texto original em Truitt 2009 727-728.
- 26 Mais uma vez, Goa!...
- 27 Como hoje entendida ou não.
- 28 Como tendo um tipo de “cognisciência” comparável à humana, para conceber tais “recepções”.
- 29 Cenário raro mesmo em partes do Saára, quanto mais no relativamente fértil se árido Levante.
- 30 Se é que é possível falar-se de algo ser intencionalmente de um “género” que só foi teorizado enquanto tal *a posteriori*.
- 31 Com o retorno em 1526 do poeta Sá de Miranda de uma viagem de 5 anos a Itália.

- 32 Estabelecida em Portugal por uma bula de 1536.
- 33 Até as Cortes de 1821, após a Revolução Liberal do Porto do ano anterior, a abolirem
- 34 Sobre a relação do mito do Preste João com o utopia, ver Rodrigues, et al 2008.
- 35 Do tipo milenarista e não do tipo "humor-de-casa-de-banho", claro.
- 36 I.e. proto-Portugueses da Lusitânia e Galécia.
- 37 Originalmente em castelhano como *Flores de Espanha -- Excelências de Portugal*.
- 38 Em Português moderno "Da construção que falta à cidade de Lisboa".
- 39 Note-se, Lisboa criada no Brasil (onde é conhecido como Antônio Vieira) e neto por via materna de uma mulata ou negra Cabo-verdiana, *vide*. Cardoso 31.
- 40 «It is hardly science-fiction, since it deliberately piles extravagance upon extravagance upon extravagance for comic effect».
- 41 A “reconciliação” da ficção científica lusófona com Lourenço de Gusmão só viria já no final do século XX, com a “passarola” a tornar-se “ícone” de um passado *clockpunk* (ou “punk-de-relojoaria”, i.e. retrofuturismo com tecnologia renascentista), surgindo, por exemplo, no romance *Memorial do Convento* (1982) do Nobel da Literatura e frequente autor f e fc e “realista mágico” (alinhado «O Nobel da Ficção Científica» por Jorge Candeias) José Saramago (note-se porém que poucas obras dele podem ser chamadas puramente fc apesar do autor pessoalmente ter sido aparentemente influenciado por leituras do género), que é essencialmente um romance histórico com elemento sobrenatural mas que salta quase para, talvez não fc, mas pelo menos para uma vaga *science fantasy* com a cena do vôo experimental do engenho de Lourenço de Gusmão.
- 42 *Resposta de certa pessoa a outra que lhe mandou perguntar o que sentia a cerca del Rei D. Sebastião feita no ano de 1658*. Neste manuscrito de 1712, um anónimo copiou e reuniu 3 textos de datas diferentes.
- 43 Padres.
- 44 Mendanha 81-82, fala claramente do mesmo relato, dizendo que este é de 1640, a visita da ilha de 1639 e que André de Jesus é José de Jesus, provavelmente por mero erro de transcrição.
- 45 O que pode ser lido como referência de que o rei da ilha de facto é D. Sebastião, e que ainda acrescenta o toque fc de um tipo de cinema ou televisão primitiva na ilha.
- 46 «Reverendíssimo».
- 47 «para».
- 48 I.e., extra-terrestres antropomórficos
- 49 I.e., entre o objectivo de luta ao cepticismo da ciência da cultura ibérica ainda no seiscentismo do primeiro e defesa da alegoria como forma de simbolizar e analisar a realidade concreta do segundo (que chegava até a considerar o Beneditino Espanhol um "ateísta!").
- 50 Alternativamente grafado "de Santana".
- 51 Feijoo/Feijó, como Gusmão, deixou também a sua influência na fc posterior, surgindo como personagem no romance *Viaje a Marte* (1930) do pintor e escritor Galego (radicado no Brasil) Modesto Brocos, que se liga com a história da literatura fc portuguesa, para além dos laços histórico-culturais luso-galaicos, pelo facto deste ser uma adaptação, adaptada para contexto galego, do romance *História Autêntica do Planeta Marte* de José Nunes da Mata (1921, editado como sendo “tradução” de memórias de um fictício Henri Montgolfier, insinuado parente dos Montgolfiers construtores dos balões aerostáticos homónimos). *Vide*. Borralho 2014.
- 52 Mais que ter os elementos sobrenaturais de influência religiosa comuns no género épico e mais que a aberta promoção da ciência da poesia científica que na altura da saída deste texto ainda estava por ser plenamente tentada em Portugal e liberta da influência religiosa.
- 53 O nome literário porque tendia a ser conhecido o poeta e prosador Francisco Xavier de Oliveira.
- 54 Lisboa, Impressão Régia, vol. VI, n.º XXVI, Parte II, Fevereiro, 1814, p. 111-12.
- 55 Com acento agudo na grafia da época.
- 56 Este é dos poucos textos deste tipo em periódicos que nesta altura eram assinados pelo autor.
- 57 Acrescente-se a *trivia* de que uma sequela do *Robinson* passada no Além tinha até elementos de fantasia e fc, além de Defoe ter feito proto-fc em *The Consolidator* de 1705.
- 58 P. ex.: apesar da proibição pela Inquisição Portuguesa do *D. Quixote*, sabia-se que o livro, não proibido pela Inquisição Espanhola, circulava em manuscrito e eventualmente pequenas edições resumidas de cordel por cá, sem grande esforço de suprimento do mesmo.

- 59 Para além da já referido da "moleza" com textos sebastianistas que fossem considerados 'meras fábulas', ex: *Exame preciso dos fundamentos dos sebastianistas nas miserias em que se acha Portugal no ano de 1712*.
- 60 «A mesma proibição publicou a Suprema Inquisição de Portugal, pelo que a nenhum Filósofo ou Matemático português neste reino é lícito defender ou afirmar *publicamente* que a terra se move e somente *como hipótese a podemos abraçar*».
- 61 Na ideia geral de viagem espacial e encontro com "O Outro", ou como elemento ou cenário do enredo fora de Portugal ou da Europa em geral.
- 62 Apesar deste cobrir principalmente o indianismo brasileiro pós-independência.
- 63 Apesar deste contar principalmente com autores nativos das ou residentes nas então colónias portuguesas do século XIX em diante e principalmente no XX, mas também até certo ponto com escritores de temáticas "ultramarinas" nativos e residentes de Portugal.
- 64 Frequentemente a Tartária, mas no espanhol *Claribalte* de Gonzalo Fernández de Oviedo, até passagens pelas ilhas de Cabo Verde.
- 65 Lembremos nestas fusões cavalheirismo-colonialismo, que a Califórnia deve o seu nome a uma ilha de amazonas negras de *Las sergas de Esplandián* de 1510.
- 66 Embora só um estudo mais aprofundado possa provar ou falsificar esta hipótese.
- 67 Estudo que só se poderia apurar com conhecimento biográfico dos mesmos, infelizmente frequentemente escasso no caso da maioria destes autores, por vezes anónimos.
- 68 Como havia no Reino Unido pós-Revolução Gloriosa de 1688.
- 69 Como na França pré-revolucionária, aliás.
- 70 Se é que não se deve colocar a questão da política não ter sido vista na altura de uma forma completamente diferente da actual.

Obras citadas

- Alves, Adalberto e Hassanein, Badr Younis Youssef. *Portugal - Ecos de um Passado Árabe*. Lisboa: Instituto Camões, 1999.
- Almeida, Justino Mendes de. *Estudos de história da cultura portuguesa*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1996.
- Amis, Kingsley. *New Maps of Hell: A Survey of Science Fiction*. Nova Iorque: Harcourt, Brace, 1960.
- Anastácio, Vanda, «Viajar com a imaginação: Jonathan Swift e Luís Caetano Altina de Campos», *Convergência Lusíada*, n.º 22 (2006): 157-174.
- Anónimo. *The Questions of King Milinda, Volume XXXV of "The Sacred Books of the East"* (tradução de T. W. Rhys Davids). Oxford: Oxford University Press, 1890.
- Anónimo. "Xavier da Cunha". *Bibliografia do Conto Português (séc. XIX- XX)*. Maria Isabel Rocheta, Ernesto Rodrigues, Anabela Barros Correia, Duarte Braga, Rita Maia, Eds. Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia do Ministério da Educação e Ciência português, s.d.
<http://www.vitraldigital.com/lepul/biblioteca.asp?tab=3&id=24>. 16 de Maio de 2016.
- Barreiros, João Manuel. "ficção científica - LITER.". *Enciclopedia Verbo Luso-Brasileira de Cultura, Edição Século XXI*. Lisboa: Editorial Verbo, 1999.
- Bernardo, Luís Miguel. *Cultura Científica em Portugal: Uma Perspectiva Histórica*. Porto:

- Universidade do Porto Editorial, 1 de Setembro de 2013.
- Borrvalho, Maria Luisa Malato. “L’«histoire véritable de la planète Mars»” - *Pour une morphologie de l'étranger et du voyage interplanétaire*. *Carnets : revue électronique d'études françaises*. II série, n.º 1 (2014): 167-184.
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12364.pdf>. 10 de Abril de 2016.
- Borrvalho, Maria Luisa Malato. “Manuel de Figueiredo, atento leitor de Aristóteles e Corneille, ou de como o desejo de verdade pode naturalmente conduzir ao inverosímil”. *Carnets : revue électronique d'études françaises*, I série, n.º 3 (2011): 49-69.
- Maria Luisa Malato Borrvalho, “Não há Utopias Portuguesas?”. *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*. n.º 1, 2004.,
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo10421.PDF>. 16 de Maio de 2016
- Candeias, Jorge. “FC Portuguesa — **Literatura Filha de Pais Incógnitos**”. *E-nigma*, 24 de Abril de 2005.
<http://e-nigma.com.pt/artigos/fcportuguesa.html>, e
<http://e-nigma.com.pt/artigos/fcportuguesa1.html>. 16 de Maio de 2016.
- Candeias, Jorge. “José Saramago, O Nobel da Ficção Científica - Da Ficção Científica a Saramago, com Bilhete de Volta”. *Revista Bang!*, n.º 0 (2005): 21-27.
- Candeias, Jorge. “Lido: História do Futuro”. *A Lâmpada Mágica*, 11 de Janeiro de 2013.
<http://lampadamagica.blogspot.pt/2013/01/lido-historia-do-futuro.html>. 16 de Maio de 2016.
- Cardoso, Maria Manuela Lopes. *António Vieira: pioneiro e paradigma de Interculturalidade*. Lisboa: Chaves Ferreira Publicações S.A., 2001.
- Carreira, José Nunes. “A terra santa em relatos portugueses de viagem: séc. XVI-XVII”. *Cadmo - Revista do Instituto Oriental - Universidade de Lisboa*, 13 (2003): 55-78.
- Causo, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil, 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- Cavallaro, Dani. *Cyberpunk and cyberculture: science fiction and the work of William Gibson*. Londres: Athlone, 2000.
- Collins, J. J. *The Apocalyptic Imagination: an introduction to Jewish apocalyptic literature*. Grand Rapids (Michigan) e Cambridge: *William B. Eerdmans*, 1998 (2.ª edição).
- Conceição, Joaquim Fernandes da. *O IMAGINÁRIO EXTRATERRESTRE NA CULTURA PORTUGUESA - Do fim da Modernidade até meados do século XIX*, Volume I. Tese de doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
- Conceição, Joaquim Fernandes da. *O IMAGINÁRIO EXTRATERRESTRE NA CULTURA PORTUGUESA - Do fim da Modernidade até meados do século XIX*, Volume II. Tese de doutoramento, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004.
- Costa, Dalila L. Pereira da. *Místicos portugueses do século XVI*. Lisboa: Livraria Chardron de Lello & Irmão-Editores, 1986.
- Costa, Pedro Campos. “A HISTÓRIA DO FUTURO -- A propósito do seminário e workshop Future Traditions”. *Jornal-Arquitectos*, 248 (Setembro — Dezembro, 2013): 242-243.
- Egry, Anne de. *Um estudo de O Apocalipse do Lorrão e a sua relação com as ilustrações medievais do Apocalipse*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- Ferreira, António Manuel, “Duas personagens de *Os Lusíadas* — *Vénus e Baco*. João Torrão,

- Ed. João Manuel Nunes, *II Colóquio Clássico — Actas*. Aveiro: Universidade de Aveiro (1997). <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/Duaspersonagens.pdf>.
- Gaspar Simões, João. *História do Romance Português*, I Volume. Lisboa: Estúdios Cor, 1969.
- Gibbs, Laura. “Revati”. *Encyclopedia for Epics of Ancient India*., <http://www.mythfolklore.net/india/encyclopedia/revati.htm>. 16 de Maio de 2016.
- Loureiro, Manuel José Trindade. “CRONOLOGIA DO FANTÁSTICO, DA FICÇÃO CIENTÍFICA E GÉNEROS AFINS, NA LITERATURA PORTUGUESA”. *Manojas*, 5 de Julho 2007 a 6 de Julho de 2007., http://o-manojas.blogspot.pt/2007/07/manuel-jos-trindade-loureiro-cronologia_06.html, http://o-manojas.blogspot.pt/2007/07/sculo-xix-dama-p-de-cabra-de-alexandre_06.html, http://o-manojas.blogspot.pt/2007/07/sculo-xix-dama-p-de-cabra-de-alexandre_06.html e <http://o-manojas.blogspot.pt/2007/07/anjo-negro-anjo-branco-de-antnio.html>. 15 de Julho de 2016.
- Lucas, João de Almeida. *Poetas líricos do século XVI*. Lisboa: Livraria Popular de F. Franco, 1960.
- Macedo, António de. “Os mundos imaginários do fantástico português – 1.ª parte”. *Revista BANG!*, editora *Saida de Emergência*, n.º 8 (2010): 27-34.
- Macedo, António de Sousa de. *Eva, e Ave, ou Maria triunfante: Theatro da erudição, e filosofia Christãa. Em que se representaõ os dous estados do mundo: cahido em Eva, e levantado em Ave. Primeyra, e segunda parte*. Lisboa: F. Borges de Sousa, 1766.
- Maia, Rita Bueno. "De como o pícaro chegou a Portugal e aí se apresentou: contributo para a história da recepção do romance picaresco espanhol no sistema literário português." Tese de doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.
- Martins, Mário S. J. *A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa, Biblioteca Breve*. Lisboa: Instituto Camões, 1979.
- Mattoso, José. *Obras Completas de José Mattoso: Ricos-Homens, Infanções e Cavalheiros ; Narrativas dos Livros de Linhagem*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001.
- Mendanha, Victor. *História Misteriosa de Portugal*. Lisboa: Pergaminho, Lisboa, 2003 (8.ª edição).
- Mukunda, H.S., Deshpande, S.M., Nagendra, H.R., Prabhu, A. e Govindraju, S.P. "A critical study of the work "Vyamanika Shastra", *Scientific Opinion* (1974): 5-12.
- Muniz, Márcio Ricardo Coelho. “O teatro de Gil Vicente no contexto das cortes portuguesas”, *Papéis : revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*, v. 1, n. 1 (1997).
- Nevins, Jess e Martinez, Michelle, *Before Science Fiction: Romances of Science and Scientific Romances*”. *io9*, 2011. <http://io9.gizmodo.com/5870883/science-fiction-before-science-fiction-romances-of-science-and-scientific-romances>. 16 de Maio de 2016.
- Oliveira, Francisco Xavier de. *Viagem à ilha do amor* (Volume 99 de *Obras clássicas da literatura portuguesa: Século XVIII*). Porto: Edições Caixotim, 2001.
- Palma-Ferreira, João, *Do Pícaro na literatura portuguesa, Biblioteca Breve Camões*, volume 59. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e Ministério da Educação e Ciência, 1981.
- Paniker, K. Ayyappa. *Medieval Indian Literature: Surveys and selections*. Nova Deli: Sahitya

- Akademi, 1 de Janeiro de 1997.
- Pimentel, Alberto. *Poemas herói-cômicos portugueses: verbêtes e apostilas*. Porto e Rio de Janeiro: Renascença Portuguesa e Anuario do Brasil, 1922.
- Prado Coelho, Jacinto. *Dicionário de Literatura - Portuguesa, Galega e Brasileira, e Estilística literária*. Porto: Editora Figueirinhas, 1973 (3.^a edição).
- Reardon, Bryan P. *Collected ancient Greek novels*. Berkeley: University of California Press, 2008.
- Rebello, Luiz Francisco. *O primitivo teatro português, Biblioteca Breve Camões*, volume 5. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa e Ministério da Educação e Ciência, 1977.
- Roberts, Adam. *Science Fiction: the New Critical Idiom*. Londres: Taylor & Francis, 2000.
- Rodrigues, Armada Paula de Freitas Marques, et al. *Cousas do Preste: da verdadeira informação à história de Etiópia: visões da Etiópia em Francisco Álvares e Pêro Pais*. Tese de doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.
- SFE - Science Fiction Encyclopedia. "Definitions of SF". *SFE - SCIENCE FICTION ENCYCLOPEDIA*. http://www.sf-encyclopedia.com/entry/definitions_of_sf. 16 de Maio de 2016.
- . "Proto SF". *SFE - SCIENCE FICTION ENCYCLOPEDIA*, http://www.sf-encyclopedia.com/entry/proto_sf. 16 de Maio de 2016.
- . "Scientific romance". *SFE - SCIENCE FICTION ENCYCLOPEDIA*. John Clute, David Langford, Peter Nicholls e Graham Sleight, 4 de Março de 2016., http://www.sf-encyclopedia.com/entry/scientific_romance.
- Sheidlower, Jesse. "Dictionary citations for the term «hard science fiction»". *Jessesword.com*, s.d. <http://www.jessesword.com/sf/view/1674>. 16 de Maio de 2016.
- Silva, Diogo Cesar Nunes da. "O Futuro Como História: Utopia e Ficção Científica". *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, (julho 2011): 1-18.
- Silva, Sandra Neves da. "Criptojudaísmo e Profetismo no Portugal de Seicentos: o Caso de Manoel Bocarro Francês alias Jacob Rosales (1588?- 1662?)". *Estudos Orientais*. VIII (2003): 173-174.
- Slusser, George Edgar, Guffey, George Robert e Rose, Mark. *Bridges to science fiction*. Carbondale: Southern Illinois University Press (1980).
- Swain, J. W. "The theory of the four empires: opposition history under the Roman Empire, *Classical Philology*", 35 (1940): 7-8.
- Trancoso, Gonçalo Fernandes. *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo* (n.º 129 de *Obras Clássicas da Literatura Portuguesa: Século XVI*). Leiria: Lello Editores, 2003.
- Truitt, E. R. "The Virtues of Balm in Late Medieval Literature". *Early Science and Medicine*. 14 (2009): 711-736.
- Vas-Deyres, Natacha e Atallah, Marc. "Pierre Versins et L'Encyclopédie de l'utopie, de la science fiction et des voyages extraordinaires (1972)". *ReS Futurae*. 13 de Julho de 2012. <http://resf.hypotheses.org/977>. 20 de Março de 2016.
- Vitória Pereira, Albino Estêvão. *A Nova Lisboa - Uma Exploração Africana*. Marinha Grande: Empresa Tipográfica, 1890.
- Vitória Pereira, Albino Estêvão. *Portuguezes e Inglezes em África; romance científico*. Lisboa: João Romano Torres - Editor, 1892.